



OUTLOOK FIESP

PROJEÇÕES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

2029



Federação das Indústrias
do Estado de São Paulo

OUTLOOK FIESP

PROJEÇÕES PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

2029

São Paulo, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.
Departamento do Agronegócio.

Outlook FIESP: projeções para o agronegócio brasileiro 2029 /
FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. – São
Paulo: FIESP, 2020.

84 p.

ISBN 978-65-5786-000-7

1. Agronegócio. 2. Projeções. 3. Economia. 4. Fertilizantes.
5. Crédito rural. 6. Economia agrícola. 7. Área plantada. 8. Produção.
9. Consumo Doméstico. 10. Exportação. I. Departamento do Agronegócio.
II. Título.

CDD – 338.13

Índice para Catálogo Sistemático

1. Agronegócio: Projeções: Economia
2. Economia: Agronegócio: Projeções
3. Projeções: Economia: Agronegócio

Bibliotecária responsável: Simone Lopes Dias CRB-8 6545



Federação das Indústrias
do Estado de São Paulo

Presidente

Paulo Skaf

DEPARTAMENTO DO AGRONEGÓCIO

Diretor Titular

Roberto Ignacio Betancourt

Diretores

Divisão de Insumos: Valdemar Luis Fischer

Divisão de Produtos de Origem Vegetal: Afonso Champi Junior

Divisão de Produtos de Origem Animal: Ariel Antonio Mendes

Divisão de Nozes e Castanhas: José Eduardo Mendes Camargo

Divisão da Cadeia Produtiva da Pesca e da Aquicultura: Roberto Kikuo Imai

Divisão do Setor Sucrialcooleiro: Pedro Isamu Mizutani

Gerente

Antonio Carlos P. Costa

Equipe Técnica

Anderson dos Santos

Raquel Magossi

CONSULTORIA MB AGRO

Diretores

Alexandre Mendonça de Barros

José Carlos Hausknecht

Equipe Técnica

Ana Laura Menegatti

Eduardo Pessina

Francisco Queiroz

Renata Marconato

Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

Departamento do Agronegócio – DEAGRO

Av. Paulista, 1.313, 5º andar

CEP: 01311-923 – São Paulo – SP

www.fiesp.com.br

deagro@fiesp.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação: Studio MRK

Revisão: Hassan Ayoub

fiesp.com.br/outlook



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Em todas as edições anteriores do “Outlook Fiesp – Projeções para o Agronegócio Brasileiro”, ressaltamos as muitas variáveis que podem impactar as estimativas realizadas para as principais cadeias produtivas do setor. Ninguém, no entanto, poderia imaginar que em 2020 teríamos de conviver com os efeitos devastadores, para a saúde e para a economia, de uma pandemia global. O Covid-19 estava completamente fora do radar e suas amplas consequências ainda estão por ser mensuradas.

Em razão da sua amplitude e da complexidade das medidas de mitigação necessárias, todas as projeções de curto prazo para o PIB ficaram completamente defasadas e o mundo sofrerá uma desaceleração econômica inédita. Haverá redução na renda e, por consequência, no poder de compra da população de forma geral. Os impactos para as indústrias e serviços, especialmente as pequenas e médias, são ainda incalculáveis, mas sabemos que vários negócios não resistirão.

De forma acertada, muito dinheiro está sendo injetado pelos governos nas economias para minimizar os efeitos da grave situação. No entanto, a sua duração, ainda incerta, será determinante para uma correta precificação da crise. Por esta mesma razão, as consequências fiscais deverão ser avaliadas em um segundo momento. O foco atual é salvar vidas e manter as pessoas empregadas, com atividades econômicas respirando, ainda que muitas delas, por aparelhos.

O agronegócio também é impactado, já que não está isolado da economia, mas os efeitos da crise não são homogêneos entre os segmentos. O setor sucroenergético, mais especificamente o etanol, será duramente castigado. Precisarão de auxílio para que não haja uma desestruturação que possa comprometer, de forma grave, esse produto tão estratégico para a nossa economia, arrastando junto toda a cadeia produtiva, dos insumos às indústrias, passando pelos produtores de cana-de-açúcar e os serviços envolvidos.

O mercado doméstico deve registrar retração no consumo de algumas proteínas, e segmentos como flores, frutas e hortaliças registram perdas ainda mais significativas. Por outro lado, oportunidades aparecem para outras cadeias, como a do suco de laranja, já que as pessoas estão consumindo mais o produto para aumentar a imunidade.

Parece claro que as recentes pandemias sanitárias, em humanos e animais de criação, levarão a mudanças profundas nos sistemas produtivos: haverá a adoção de protocolos mais rígidos para a produção de carnes, aprimoramento das boas práticas de fabricação, maior profissionalização e intensificação da produção ao redor do mundo, em especial na Ásia, continente que deverá puxar de forma relevante o consumo de proteínas animais na próxima década.

Essas ações vão imprimir elevados padrões de controles sanitários que aumentarão a demanda por farelo para alimentar os rebanhos e, naturalmente, o Brasil terá destaque nesse cenário como o supridor natural de grãos para esses mercados.

Não há dúvida de que o presente é desafiador e que a atual situação gera dúvidas e ansiedades. Ao mesmo tempo, é reconfortante saber que contamos com um setor tão bem estruturado e competente, capaz de manter a sociedade abastecida.

Na crise, o Brasil brilha no seu papel de maior exportador líquido de alimentos para o mundo, ofertando, nestes tempos de tanta incerteza, a garantia do abastecimento, condição essencial para a manutenção da vida.

Boa leitura a todos!

Paulo Skaf

Presidente

ÍNDICE

A horizontal banner with a green background. On the left, the text 'PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL' is written in white. The background image shows a green field with a tractor in the distance.

PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL

A horizontal banner with an orange background. On the right, the text 'PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL' is written in white. The background image is a close-up of a cow's face.

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

A horizontal banner with a cyan background. On the left, the text 'FERTILIZANTES' is written in white. The background image shows a small plant growing from the soil.

FERTILIZANTES

1. Considerações sobre as Projeções	10
(Notas Metodológicas)	
2. Cenário Macroeconômico	13

Resultados das Projeções

3. Algodão	18
4. Arroz	22
5. Café	25
6. Cana-de-açúcar, Açúcar e Etanol	29
7. Celulose	34
8. Feijão	38
9. Milho	41
10. Soja: Grão, Farelo e Óleo	45
11. Suco de Laranja	50
12. Trigo	54
13. Carne Bovina	57
14. Carne de Frango e Ovos	62
15. Carne Suína	67
16. Lácteos	71
17. Piscicultura	75
18. Fertilizantes	77



CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PROJEÇÕES

(Notas Metodológicas)

O ano de 2019 foi marcado por diversos fatores internacionais que trouxeram consequências importantes para o agronegócio mundial. A principal delas foi a Peste Suína Africana (PSA), que afetou profundamente o mercado global de carnes. Os efeitos da doença sobre os rebanhos suínos de diversos países, especialmente o chinês, causaram uma queda sem precedentes na produção mundial de carne suína, que não conseguiu ser suprida pela oferta das outras carnes disponíveis, provocando alterações no comércio internacional e nos preços das diversas proteínas. O Brasil foi um dos países mais beneficiados, uma vez que é o maior exportador de carne bovina e de frango, e o quarto maior de carne suína.

Outro fator que influenciou o mercado global para os produtos agropecuários foi a guerra comercial entre os EUA e a China. A continuidade da disputa acabou reduzindo a competitividade dos produtos americanos, um dos principais fornecedores mundiais, e abrindo espaço para outros competidores. Tal cenário favoreceu a soja brasileira, principal produto agrícola de exportação do País, que teve uma grande procura por parte dos chineses. Em 2019, 78% de toda a soja embarcada nos portos brasileiros teve a China como destino.

Já em 2020 surgiram novos eventos que estão afetando a conjuntura agropecuária. Entre eles, a assinatura da Fase 1 do acordo entre os EUA e a China, que, se efetivado, deverá elevar consideravelmente a participação dos produtos americanos nas importações chinesas, e, mais recentemente, a pandemia do novo Coronavírus, com efeitos negativos sobre a atividade econômica mundial.

Para as projeções, como cenário-base utilizamos a perspectiva de uma queda importante do crescimento econômico em 2020. Consideramos também que não haverá interrupção abrupta do crescimento mundial para o período projetado, contudo admite-se a desaceleração no início desse período, já que o Coronavírus deverá ter profundos efeitos no curto prazo, com queda expressiva do PIB e de empregos. EUA e Europa, apesar de duramente afetados pela pandemia, terão crescimento na demanda por alimentos, mesmo que em taxas inferiores ao observado nos últimos anos.

Ainda no cenário interno, há diversos fatores de incerteza que continuarão a influenciar o desempenho do setor agropecuário, como: as definições jurídicas sobre o tabelamento dos fretes; a recuperação judicial de produtores pessoas físicas; a Lei Kandir e; a continuidade do Convênio ICMS nº 100/1997. Estes são exemplos que podem produzir consequências deletérias sobre o crescimento projetado.

Dando sequência às edições anteriores do Outlook Fiesp, esta edição tem o intuito de trazer elementos para discussões acerca dos diversos setores envolvidos com o agronegócio e, com isso, auxiliar na identificação de gargalos e na elaboração de propostas para o futuro do segmento, possibilitando antever as ações necessárias diante do crescimento esperado.

O modelo de projeções do agronegócio desenvolvido pela MB Agro vem sendo aperfeiçoado ao longo de mais de uma década e estabelece um balanço de oferta e demanda que mantenha consistência entre as principais economias produtoras e consumidoras de alimento do mundo. A consistência é avaliada a partir das relações estoque/uso que devem manter o mercado estabilizado no longo prazo.

No caso das *commodities* consideradas, o modelo de projeção do desempenho brasileiro parte de um balanço mundial da produção e do consumo de alimentos, no qual a demanda de cada país é estabelecida a partir das expectativas de aumento da população e do crescimento da renda *per capita*, combinados às elasticidades-renda dos alimentos em cada um desses países.

As previsões de renda utilizadas são as divulgadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e da população, pela Organização das Nações Unidas (ONU). No caso brasileiro, as estimativas de crescimento da economia foram feitas pela MB Associados, baseada em seu modelo macroeconômico de consistência para o País.

Do ponto de vista da oferta, a produção dos alimentos é projetada com base na tendência da produtividade e da área disponível em cada um dos principais produtores. O Brasil é variável-chave para o fechamento do balanço internacional, dado que é uma das poucas regiões em que ainda é possível obter um ganho de produtividade, aliado ao aumento da área agrícola, ao contrário, por exemplo, dos EUA, onde a produção cresce a partir de ganhos restritos de produtividade ou de menor produção de uma determinada *commodity* em detrimento de outra, pelo remanejamento de uma área produtiva relativamente fixa.

Obtida a produção brasileira necessária para que a relação estoque/consumo mundial se mantenha em um patamar em que os preços justifiquem o crescimento da oferta global, as áreas demandadas para alcançar tais produções são estimadas a partir da curva projetada de produtividade para cada uma das *commodities* agrícolas em cada uma das nossas regiões.

Uma peculiaridade no caso do etanol é que o consumo interno brasileiro é derivado de um modelo de crescimento e depreciação da frota de veículos em função do PIB, tendo como variável exógena a participação dos veículos *Flex Fuel* nas vendas totais. Na oferta desse produto consideramos tanto o crescimento do setor sucroalcooleiro como o da produção de etanol de milho.

Para a celulose, a demanda por área plantada com florestas vem dos novos investimentos em fábricas programados pelo setor, que, no longo prazo, atendem às necessidades para exportação e para o mercado interno da celulose produzida no País.

As áreas e as produtividades esperadas são as variáveis de entrada no modelo de demanda de fertilizantes da agricultura brasileira. Associando essa produtividade com a curva de resposta à adubação, estabelece-se a necessidade de NPK por hectare para cada cultura. Multiplicando a área total de cada cultura pela necessidade de NPK, chega-se ao consumo de NPK para as lavouras. Adicionando a esse consumo o de fertilizantes para as pastagens, o reflorestamento e a adubação de base para a abertura de novas áreas, totaliza-se a demanda geral de NPK para o Brasil até 2029.

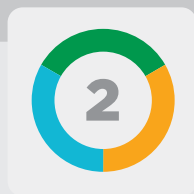
A partir dos projetos de investimento no aumento da produção de fertilizantes no País, estima-se a oferta doméstica futura de nutrientes, tendo como pressuposto um nível histórico de utilização da capacidade instalada. Com a oferta desses nutrientes por região, o balanço entre demanda e oferta é calculado, obtendo-se a necessidade de importação em 2029.

É importante destacar que, como a maior parte dos projetos de novas plantas de fertilizantes continua postergada ou está suspensa, prossegue o aumento significativo da dependência externa no suprimento da necessidade brasileira de fertilizantes no horizonte previsto.

Vale ressaltar, como observação para todo este trabalho, que as projeções adotam pressupostos que podem ser modificados ao longo do período considerado. Eventos climáticos mais severos, abertura de mercados, modificação do *status* sanitário e redução ou aumento do protecionismo internacional são apenas algumas das variáveis que podem afetar as expectativas para determinado produto.

Em alguns produtos como arroz, feijão, trigo e leite, a produção é primordialmente direcionada pela demanda do mercado doméstico, dado que o País não se configura como um grande *player* no mercado internacional dessas *commodities*.

Devido à possibilidade de alteração nas produções e estimativas de demanda em função dos fatores de risco inerentes ao setor agrícola ou a mudanças nas expectativas macroeconômicas, as previsões serão revisadas de forma dinâmica, caso algum evento mais relevante signifique uma modificação importante das perspectivas para as *commodities* analisadas. As atualizações realizadas poderão ser acompanhadas no endereço: **www.fiesp.com.br/outlook**.



CENÁRIO MACROECONÔMICO

Choques sanitários e seus impactos na macroeconomia internacional

O mundo sofre hoje as consequências da disseminação em escala global de um vírus que foi detectado, em dezembro de 2019, na China. A História nos ensina que a humanidade foi assolada por inúmeros choques sanitários que dizimaram parte respeitável da população. Os avanços da medicina, das melhores condições sanitárias, de processos de produção de alimentos seguindo padrões sanitários rigorosos e as inovações da indústria farmacêutica, permitiram reduzir os impactos das novas epidemias.

Entretanto, a análise histórica dos surtos epidêmicos indica que, invariavelmente, o processo tem início com a mutação de algum vírus ou bactéria que infesta os animais silvestres. O vírus mutante passa para o animal doméstico e desse para o ser humano. Algumas vezes, ao invés de iniciar por algum hospedeiro intermediário, pode passar diretamente aos humanos, se houver proximidade com o animal silvestre infectado.

Os episódios sanitários que marcaram a China em 2018 e 2019 reproduziram perfeitamente as experiências históricas pretéritas. Em agosto de 2018, a China registrou na Organização Mundial de Saúde Animal o primeiro caso de Peste Suína Africana (PSA) em seu território. A PSA é a doença mais temida da suinocultura, por não se conhecer nenhuma droga que a evite ou elimine. Os protocolos sanitários recomendados para conter o seu avanço são o abate de todos os animais presentes na granja infectada, a incineração dos mesmos e a eliminação das cinzas em depósitos seguros. Além disso, como o vírus segue vivo na carne por período superior a um ano (mesmo se a mesma for congelada ou processada), torna-se importante isolar um raio de 100 quilômetros ao redor da granja contaminada, impedindo que os suínos vivos e a carne se desloquem para fora desse raio.

Os protocolos sanitários necessários ao controle da doença produzem efeitos microeconômicos relevantes. Conforme as áreas de isolamento foram se instalando, os produtores aceleraram o abate com medo de não ter como vender seus animais (vale lembrar que muitos frigoríficos se posicionavam fora do raio de produção).

Até o primeiro semestre, o forte abate de suínos manteve os preços da carne relativamente baixos. Entretanto, após abater 43% do seu rebanho, segundo dados do Ministério da Agricultura da China, os preços em agosto começaram a subir fortemente e alcançaram, em outubro, o valor mais alto da história. Devido à substituição de consumo entre as carnes, conforme os preços da carne suína subiram, o mesmo se deu com as demais proteínas. Por conta de um choque de oferta significativo, decorrente das importações chinesas de carnes bovina, suína e de frango, houve um efeito significativo na precificação das mesmas no Brasil.

Conforme os preços da carne foram subindo, o consumo de animais silvestres acabou estimulado. A elevada concentração urbana chinesa e a permissão da venda de animais silvestres vivos em feiras livres em algumas regiões podem ter favorecido a disseminação de um vírus mutante da classe geral coronavírus, posteriormente batizado de Covid-19.

Esse vírus não afeta os animais, mas tem efeitos sérios sobre os humanos. Embora a letalidade não seja alta na população mais jovem, o mesmo não pode ser dito para pessoas acima de 70 anos ou com quadros de comorbidades. Como o vírus se espalha com muita velocidade, o problema do contágio cria pressão sobre o sistema de saúde, que tem de estar preparado para atender a população mais vulnerável. Nesse sentido, a solução encontrada foi a de evitar que as pessoas saíssem de casa, promovendo profunda queda no nível de atividade da economia.

A desaceleração econômica na China espalhou-se para o resto do mundo, conforme o vírus foi também se disseminando.

Para o mundo agrícola, a desaceleração mundial acabou por afetar os preços em dólares dos alimentos. Entretanto, por se tratar de um bem essencial à vida e, por óbvio, à saúde, os alimentos são os primeiros a se recuperar, mesmo em condições de recessão.

No caso brasileiro, a crise internacional promove desvalorização adicional da moeda, o que segura os preços dos alimentos em reais. Nesse sentido, as projeções implícitas no Outlook Fiesp consideram a rentabilidade dos negócios agropecuários brasileiros, levando em conta que o sistema de taxas de câmbio flutuantes é uma proteção contra os choques externos, que acaba defendendo a renda da maior parte dos setores agrícolas.

Crises sanitárias e seus impactos no mercado mundial de alimentos

A visão desenhada a partir do Outlook Fiesp 2019-2029 é de que o sistema de produção de alimentos na China e em outros países da Ásia passará por mudanças profundas e ampliará as possibilidades ao agronegócio brasileiro.

As crises sanitárias desencadeadas na China representaram um marco profundo que exigirá mudanças de grande impacto ao mercado global.

As consequências serão significativas. Em primeiro lugar, para o mercado de soja. Estima-se que de 40% a 45% da suinocultura chinesa não participava do mercado de rações. Os animais eram normalmente alimentados com descarte de comida ou de produtos agrícolas produzidos nos minifúndios chineses.

Haverá uma tendência de modernização das granjas (movimento, aliás, que já estava em curso), incorporando esse enorme contingente de suínos, equivalente a mais de um quinto do rebanho global desses animais, ao mercado consumidor de ração.

Por não conseguir produzir toda a soja e o milho necessários para a alimentação animal, será necessário importar volumes crescentes de soja, tendo o Brasil como principal fornecedor nesse processo.

Ademais, é possível que os chineses, no intuito de diluir o risco sanitário de tentar produzir toda a carne necessária ao abastecimento do seu mercado interno, decidam, estrategicamente, ampliar as importações desses produtos. Dada a dimensão da demanda chinesa, essa decisão pode impactar significativamente os mercados de proteína animal no Brasil.

É importante ressaltar ainda que o sistema de distribuição de alimentos na China deve, crescentemente, elevar o consumo de carne refrigerada ou congelada, para garantir padrões de qualidade superiores. Nesse sentido, na medida em que o sistema de frio se desenvolver no país, ficará muito mais fácil à carne importada participar de todos os canais de distribuição existentes na China. Vislumbra-se, portanto, uma oportunidade rara para a agricultura brasileira na próxima década.

Desenho macroeconômico brasileiro para a próxima década: gestão de um novo modelo

Não há dúvida de que a crise gerada pela disseminação do Covid-19 terá impactos profundos no crescimento das economias mundiais em 2020. Não obstante este ano ser marcado, provavelmente, por queda expressiva do PIB e do emprego, as projeções previstas no Outlook Fiesp 2019-2029 consideram que o modelo macroeconômico que o Brasil deve seguir na próxima década já se encontra relativamente desenhado.

Passado um ano da mudança de governo, fica claro que a trajetória da macroeconomia brasileira vai se desenhando com outro formato, em relação à década anterior. Este novo período veio acompanhado de excelentes fundamentos macroeconômicos, que se desenharam no biênio 2017-2018.

A inflação, tradicional vilã da economia latino-americana, consolidou-se em patamares historicamente muito baixos, ao redor de 3,6%. Os sinais do início de 2020 indicam que é possível imaginar que a inflação se ancore ao redor de 2% (ou, possivelmente, abaixo por conta da recessão). Esse indicador permitiu ao Banco Central brasileiro reduzir agressivamente a taxa de juros para patamares da ordem de 2,25%, indicando uma taxa de juros real inferior a 1%, taxa essa que não se via no País há muitas décadas. A redução na taxa de juros promoveu um fato inusitado. Com o passar do tempo, os investidores internacionais que vinham aplicar em renda fixa no País passaram a retirar os recursos dessas aplicações, retornando seus investimentos aos países de origem.

Ao mesmo tempo, na medida em que os juros em reais se aproximaram da taxa de juros internacional, as empresas exportadoras brasileiras, que detinham dívidas em dólar, passaram a reter suas receitas no exterior, amortizando seus compromissos em dólares e tomando novas linhas em reais. Esses dois movimentos combinados foram fortes o suficiente para desvalorizar o real, a despeito da queda acentuada no risco país, que normalmente implicaria um fortalecimento do real perante o dólar. Com a crise econômica internacional, o risco país voltou a subir, acentuando a desvalorização do real, sem com isso implicar elevação da inflação.

Para o agronegócio brasileiro, de forma geral, com exceção das cadeias produtivas mais duramente prejudicadas pela crise, como a sucroenergética, fibras naturais, flores, frutas e hortaliças, e o setor lácteo, estabeleceu-se um cenário relativamente estável para positivo em alguns casos. De um lado, a baixa taxa de juros implica a valorização dos ativos reais, em especial a terra. O ganho patrimonial decorrente da elevação do valor presente da atividade por causa da queda dos juros permite seguir o processo de alavancagem para expansão das atividades agrícolas.

Ao mesmo tempo, a queda na taxa de juros vem contribuindo para que diversos setores agropecuários, especialmente aqueles de elevada intensidade de capital, melhorem seus balanços por conta da redução das despesas financeiras.

Simultaneamente, a depreciação do real perante o dólar tem permitido ganhos de geração de caixa em vários setores, que por vezes estão passando por dificuldades nos países desenvolvidos, em razão dos baixos preços em dólares.

Ademais, um ponto pouco comentado diz respeito ao custo logístico no País. Os dados de preços dos fretes apontam para importante queda nos valores em reais, decorrente dos investimentos logísticos que vêm sendo feitos em diversas regiões do País, não obstante os sérios problemas institucionais criados pela tabela de frete estabelecida em 2018 pela ANTT. A redução dos preços em reais dos fretes combinados com a desvalorização do real permitiu que o custo em dólares da logística brasileira caísse significativamente. Esse elemento se combina aos bons resultados operacionais da grande maioria das atividades agrícolas no Brasil, gerando um ambiente de capitalização expressivo.

No caso das cadeias de proteína animal, o desempenho é dinamizado pelos choques sanitários que ocorreram na China. Esses choques, como mencionado, devem transformar radicalmente o sistema de produção agrícola chinês, o que trará impactos relevantes ao sistema produtivo brasileiro.



ALGODÃO

Após a reformulação da sua política agrícola em relação ao algodão, a China vem perdendo espaço no cenário internacional e foi ultrapassada pela Índia, que, na safra 2019/2020, assumiu a liderança na produção mundial da fibra. Apesar da queda no volume colhido em países importantes como Paquistão e Austrália, e da relativa estagnação no Brasil e na China, o crescimento na Índia e nos EUA foi suficiente para elevar a oferta global.

Do lado da demanda, a China continua como o principal comprador da fibra, apesar da significativa redução de suas importações nos últimos anos. Em 2010, o país respondia por 33% das compras mundiais, participação que deve cair para cerca de 20% no ciclo atual, segundo dados do USDA. Ainda assim é um volume considerável e qualquer sinal de aumento das importações pelo país asiático, provoca grande pressão no mercado.

Se pelo lado dos fundamentos a perspectiva é de um cenário relativamente equilibrado entre oferta e demanda, pelo lado conjuntural existem riscos que não podem deixar de ser considerados pelos *players* desse setor. Um deles deriva dos possíveis impactos que o novo Coronavírus pode exercer na economia mundial. Como a demanda pela fibra está diretamente relacionada ao crescimento econômico, uma desaceleração da atividade global devido a esta pandemia pode ter efeitos negativos no consumo do algodão.

Outro fator que afeta a cotação dessa *commodity* é o preço do petróleo, posto que é matéria-prima para a fabricação de fibra sintética, substituta da natural. No início deste ano, a crise do Covid-19 e a disputa de preços no mercado internacional de petróleo entre Rússia e Arábia Saudita derrubaram as cotações do combustível, que registraram a maior queda dos últimos anos, e afetaram a competitividade do algodão.

Além das incertezas já mencionadas, as consequências da guerra comercial entre os EUA e a China continuam trazendo preocupações para o mercado. A Fase 1 do acordo negociado entre os dois países prevê um aumento significativo do valor total da importação de produtos agropecuários americanos pela China, porém, até o momento, não há detalhamento sobre o volume para cada produto.

A importação de algodão não está definida dentro do acordo, mas deve ser um dos itens para se atingirem as metas estabelecidas. Embora esse produto tenha participação menor quando comparado à soja na pauta exportadora

americana, a retomada das importações chinesas traria repercussões relevantes no comércio mundial e o preço tenderia a reagir.

A guerra comercial entre os dois países favoreceu as exportações brasileiras de algodão em 2018 e, em 2019, o Brasil tornou-se o segundo maior exportador de pluma, tendo a China como principal destino. Apesar do aumento da participação chinesa nos embarques, países como Vietnã, Indonésia, Bangladesh e Turquia também estão na pauta de exportação brasileira. O aumento contínuo da produção e o reconhecimento da qualidade da fibra nacional têm permitido ao País galgar espaços cada vez maiores no comércio global. Essa tendência deve se manter nos próximos anos.

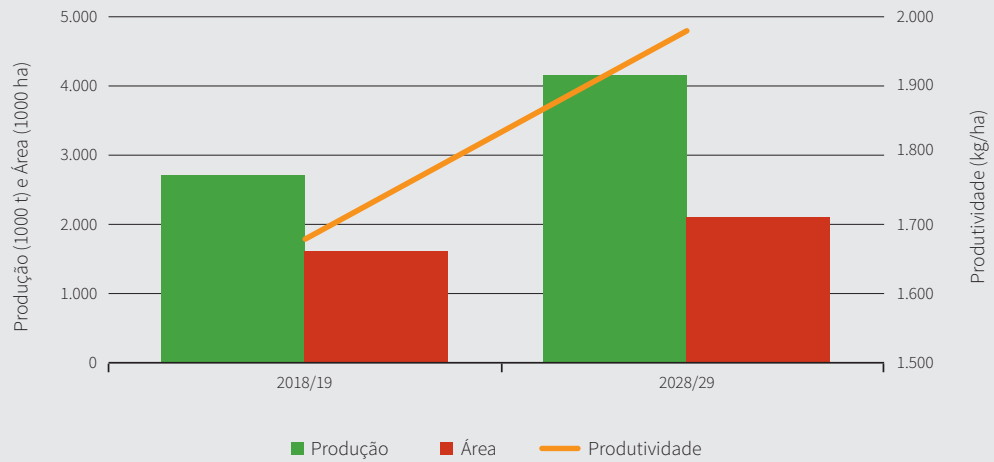
O setor algodoeiro é bastante dinâmico, com produtores capitalizados investindo na lavoura e atentos às oportunidades do mercado, o que favorece a obtenção de margens de rentabilidade remuneradoras. O dólar desvalorizado e a demanda aquecida nos portos brasileiros, que trouxe bons prêmios ao preço internacional, agregaram valor ao produto nacional e aumentaram a receita do produtor. Nesse setor é fundamental estar bastante atento às expectativas futuras do mercado, para realizar ajustes na produção.

Os produtores de algodão geralmente são também grandes produtores de soja e milho, e a decisão de plantio entre uma cultura ou outra se dá pela perspectiva de rentabilidade entre as lavouras. A área é o principal fator de ajuste, uma vez que o pacote tecnológico da lavoura é bastante definido e o produtor sabe que a produtividade é a maior garantia de obter margens positivas na atividade. Dessa forma, a resposta de produção às condições do mercado pode ser bem rápida de uma safra para outra.

Varição entre 2018/19 e 2028/29

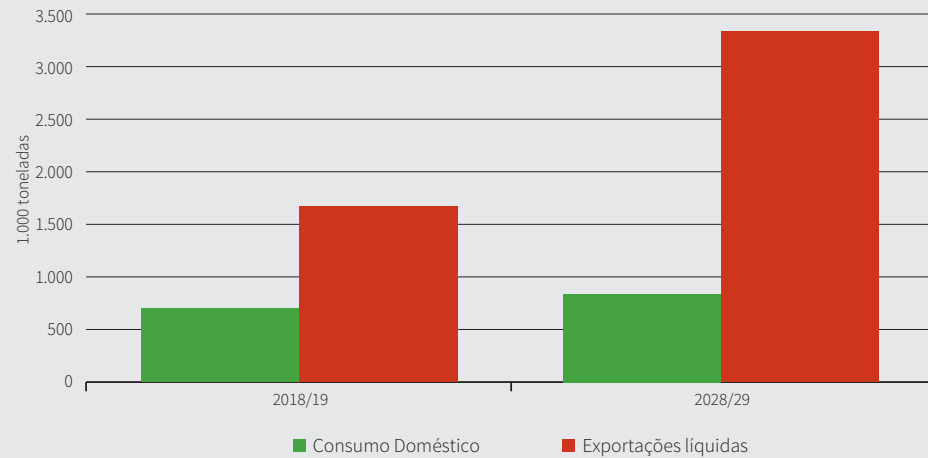
Produção, Área e Produtividade Brasileira do Algodão

Produção **54%** ↗
 Área Plantada **31%** ↗
 Produtividade **17%** ↗

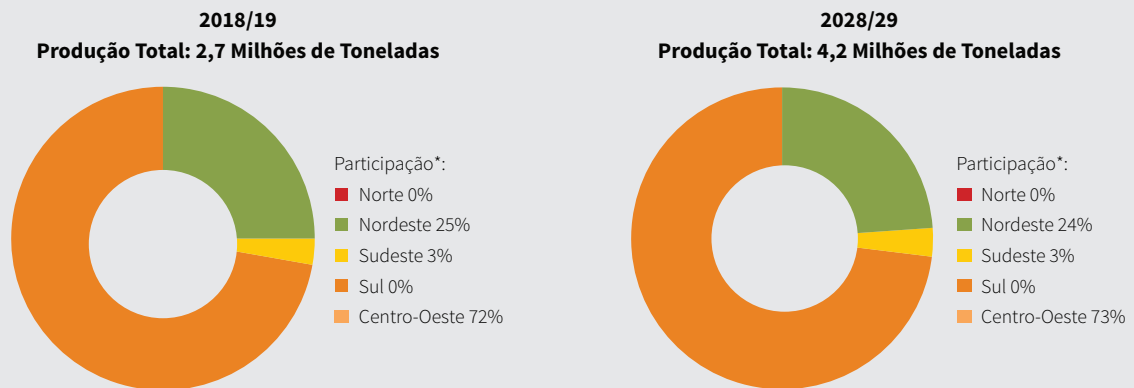


Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Algodão

Consumo doméstico **20%** ↗
 Exportação líquida **100%** ↗



Participação Regional na Produção de Algodão



Nota: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

ALGODÃO

(PLUMA)

em 2028/2029*



2,1 MILHÕES
de hectares plantados

crescimento de 31% em relação à safra 2018/2019



4,2 MILHÕES
de toneladas produzidas

crescimento de 54% em relação à safra 2018/2019

17%

será o crescimento da produtividade (t/ha)



3,3 MILHÕES
de toneladas líquidas exportadas

crescimento de 100% em relação à safra 2018/2019

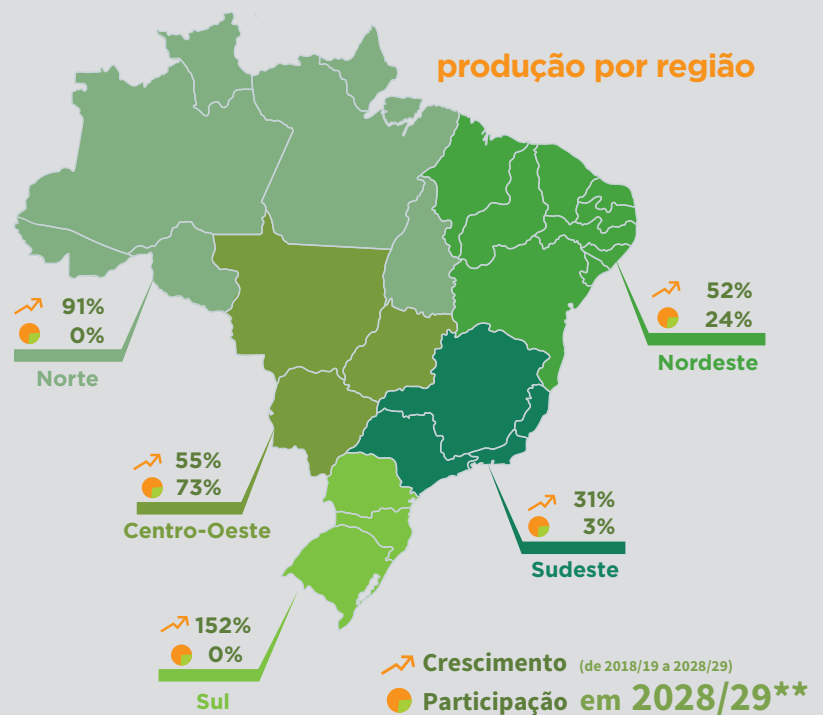
demanda doméstica

0,7
milhão de t
2018/19



0,8
milhão de t
2028/29

crescimento de 20%



Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



ARROZ

O mercado brasileiro de arroz teve um ano de preços melhores em 2019. Os valores observados são os maiores desde 2016, o que beneficiou a receita do setor. Esse comportamento é resultado de menor produção no Brasil e preços internacionais elevados.

Esse menor volume produzido fez com que o Brasil aumentasse a importação do cereal para equilibrar o abastecimento, e os nossos principais fornecedores foram a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

O câmbio desvalorizado e as cotações internacionais em alta fizeram com que os produtos importados entregues no mercado doméstico ficassem com preços elevados, sustentando os valores no Brasil. A safra 2020, que está prestes a ser colhida, deve beneficiar-se dessa dinâmica de preços em bons patamares, pelo menos durante o início da comercialização.

Há alguns anos a área cultivada no País vem diminuindo, em especial a de sequeiro, sendo a maior rentabilidade de outras culturas e a estabilidade no consumo os principais fatores dessa mudança.

Na safra passada houve queda de quase 300 mil hectares, mas, apesar do declínio da área, a produção não tem apresentado contração significativa, pois os ganhos de produtividade foram suficientes para manter a oferta alinhada com o consumo interno. Essa tendência deve permanecer no período projetado, já que, normalmente, as áreas que deixam de ser cultivadas são as de menor produtividade e a inovação tecnológica na lavoura tem sido constante.

O consumo de arroz está menor que na década passada. Apesar de o produto ter baixa elasticidade de renda, o que faz com que o seu consumo seja pouco afetado com as variações do crescimento do PIB, mudanças no padrão alimentar do brasileiro têm interferido no consumo *per capita* de arroz. Hoje há preferência por outras fontes de carboidrato, como pães, bolachas, massas e outras farinhas, como a de mandioca, que são apontados como substitutos na alimentação básica da população.

Atualmente, um dos principais desafios do setor orizicultor é impulsionar a demanda pelo produto, sendo a exportação um dos caminhos possíveis. Para tanto, é importante abrir novos mercados por meio do desenvolvimento de produtos mais elaborados e de maior valor agregado, que atendam consumidores diferenciados, além de estabelecer negociações com países consumidores potenciais do produto nacional.

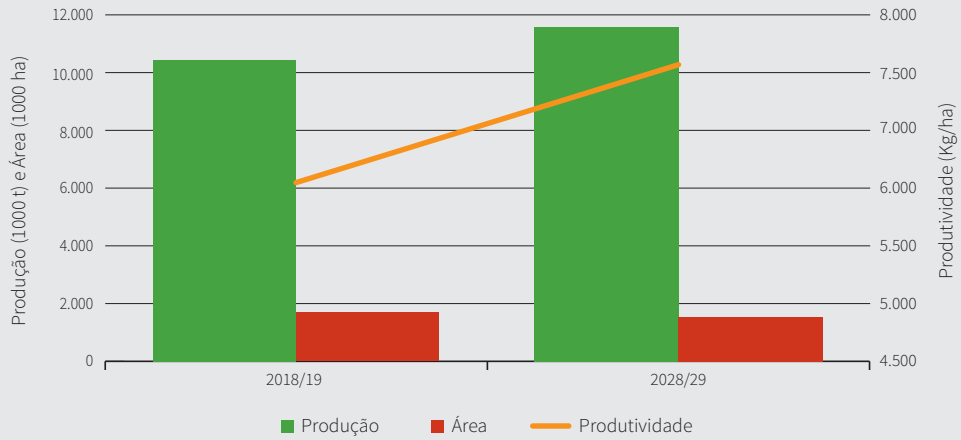
Varição entre 2018/19 e 2028/29

Produção, Área e Produtividade Brasileira do Arroz

Produção
12% ↗

Área Plantada
-9% ↘

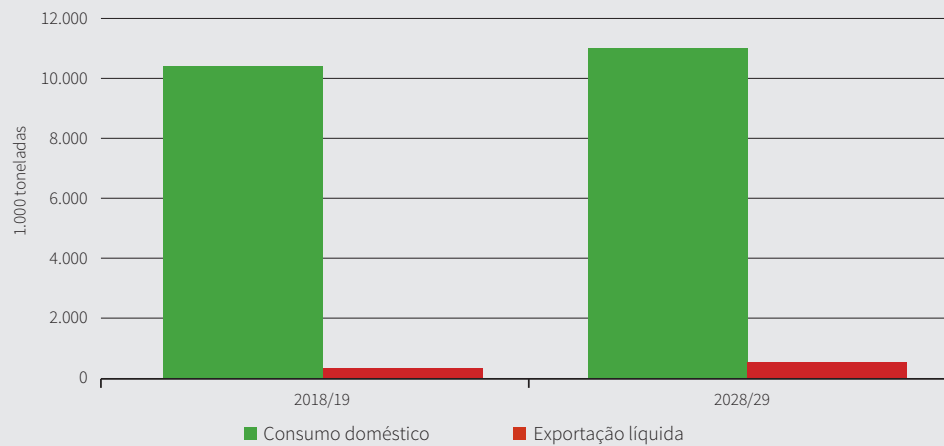
Produtividade
23% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Arroz

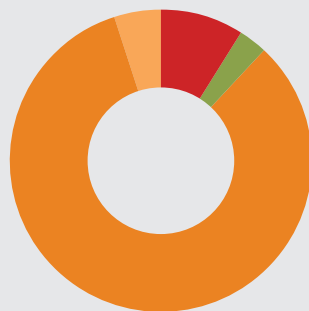
Consumo doméstico
6% ↗

Exportação líquida
66% ↗



Participação Regional na Produção de Arroz

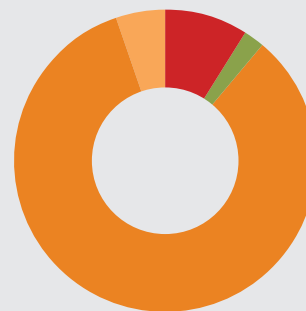
2018/19
Produção Total: 10,4 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 9%
- Nordeste 3%
- Sudeste 0%
- Sul 83%
- Centro-Oeste 5%

2028/29
Produção Total: 11,7 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 9%
- Nordeste 2%
- Sudeste 0%
- Sul 83%
- Centro-Oeste 5%

Nota:* A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

ARROZ

em 2028/2029*



1,5 MILHÃO
de hectares plantados

redução de -9% em relação à safra 2018/2019



11,7 MILHÕES
de toneladas produzidas

crescimento de 12% em relação à safra 2018/2019



537 MIL
toneladas líquidas exportadas

crescimento de 66%
em relação à 2018/2019

23%

será o crescimento da produtividade (t/ha)

6,2
2018/2019

7,6
2028/2029

consumo per capita
(kg/hab/ano)

49,0
(Safra 2018/19)

49,1
(Safra 2028/29)

crescimento de 0,2%

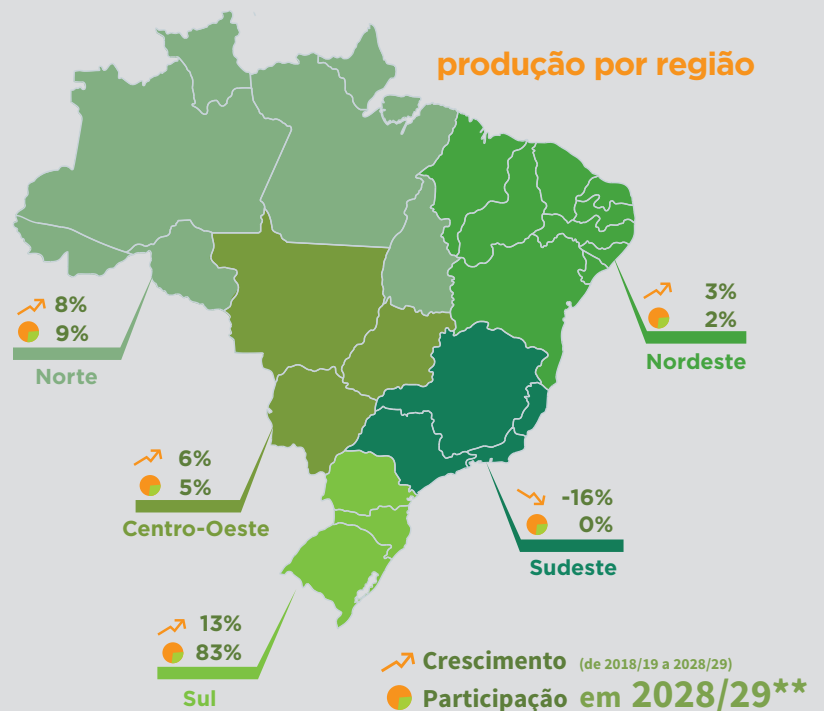
demanda doméstica

10,4
milhões de t
(Safra 2018/19)

11,0
milhões de t
(Safra 2028/29)

crescimento de 6%

produção por região



Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CAFÉ

A safra brasileira de café 2019/2020, colhida em 2019, atingiu, aproximadamente, 49 milhões de sacas, de acordo com os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O montante representa um decréscimo de 20% em comparação aos números da safra anterior. A redução deveu-se principalmente pela influência da bienalidade negativa do café arábica, somada à menor área destinada à produção, de 2,1 milhões de hectares.

Desse total, cerca de 34 milhões de sacas foram de café arábica, o que significa 27,8% a menos, se comparada ao período precedente; e de 15 milhões de sacas foi a safra do conilon, um incremento de 5,9% na mesma base de comparação. A área cultivada com arábica totalizou 1,7 milhão de hectares, enquanto o conilon ocupou 399 mil hectares. A produtividade média, de 27,2 sacas/hectare, ficou 17,8% abaixo da safra anterior, por causa de problemas relacionados ao clima em importantes regiões produtoras.

Para a safra 2020/2021, cuja colheita terá início em meados de maio de 2020, a Conab projeta, em sua primeira estimativa, uma colheita entre 57,2 milhões e 62,0 milhões de sacas, representando aumento de 15,9% a 25,8% em relação ao ciclo anterior. Desse total, o volume de arábica previsto ficou entre 43,2 milhões e 46,0 milhões de sacas, e o conilon entre 14,0 milhões e 16,0 milhões de sacas. O resultado pode ser atribuído em grande parte à bienalidade positiva, sobretudo no café arábica.

A área total cultivada foi projetada em 2,2 milhões de hectares, acréscimo de 1,4% em relação à safra 2019/2020. Ambas as variedades dependem muito do clima, principalmente no primeiro trimestre, quando as lavouras estão em plena fase de enchimento dos grãos. Caso o clima siga favorável, haverá a confirmação de uma excelente safra neste ano.

O balanço mundial de café aponta para a manutenção da relação estoque/uso em 21%. Levando-se em consideração que o Brasil colherá uma grande safra em 2020/2021, não há grande preocupação com a oferta total de café, ao menos no curto prazo. O que há é uma deficiência na disponibilidade de cafés de boa qualidade.

Problemas climáticos ocorridos em 2018 e 2019 restringiram muito a produção de cafés cereja descascados, normalmente vendidos com água e que ajudam na remuneração final do produtor. A colheita passada foi marcada pelo elevado volume

de cafés de varrição, recolhidos somente após a colheita na árvore e, portanto, com menor qualidade final da bebida, o que acabou por prejudicar a rentabilidade da atividade.

No fim de 2019, após a divulgação do relatório da Organização Internacional do Café (OIC), apresentando aumento de 1,5% no consumo global da safra 2019/2020 e déficit na oferta de 626 mil sacas no período, os preços internacionais reagiram fortemente, atingindo patamares que não eram vistos desde 2017.

Além disso, no mercado interno, o fortalecimento do dólar em relação ao real e a forte cobertura de posições vendidas por parte dos fundos fizeram com que os mercados físico e futuro subissem de forma rápida e expressiva, o que ajudou na comercialização da safra atual e, principalmente, abriu oportunidades de fixações futuras de preços bastante atraentes para a entrega do produto em 2020 e 2021. Estima-se que o País já tenha vendido um terço da colheita 2020/2021.

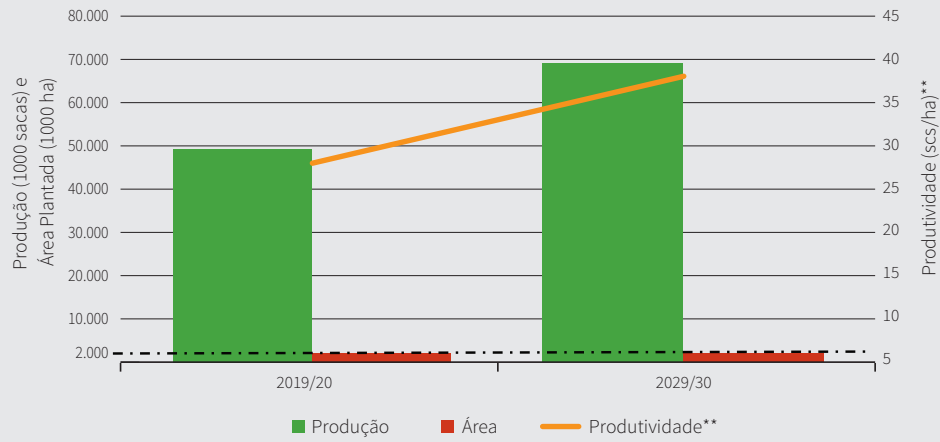
O ano de 2020 iniciou devolvendo parte dos ganhos do fim do ano passado. A realização dos lucros obtidos com a alta, o ajuste de posição dos fundos e as boas chuvas no cinturão cafeeiro brasileiro são os principais motivos para a correção. Por outro lado, a desvalorização cambial colabora para o aumento das vendas externas. As exportações brasileiras de café bateram recorde em 2019, com 40,6 milhões de sacas, 13,9% acima do ano anterior, o que rendeu ao País US\$ 5,1 bilhões.

As perspectivas para o café brasileiro seguem interessantes. As estimativas de demanda ainda são boas, a despeito das preocupações relacionadas ao Covid-19 na China e no mundo, cujo impacto nas *commodities* deverá se dissipar ao longo do segundo semestre.

Varição entre 2019/20 e 2029/30

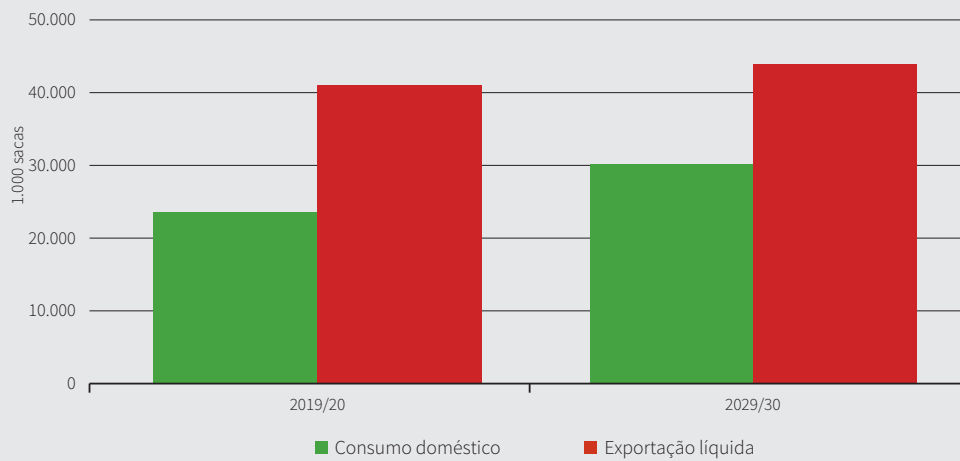
Produção, Área e Produtividade Brasileira do Café

Produção **40%** ↗
 Área Plantada **-2%** ↘
 Produtividade **41%** ↗

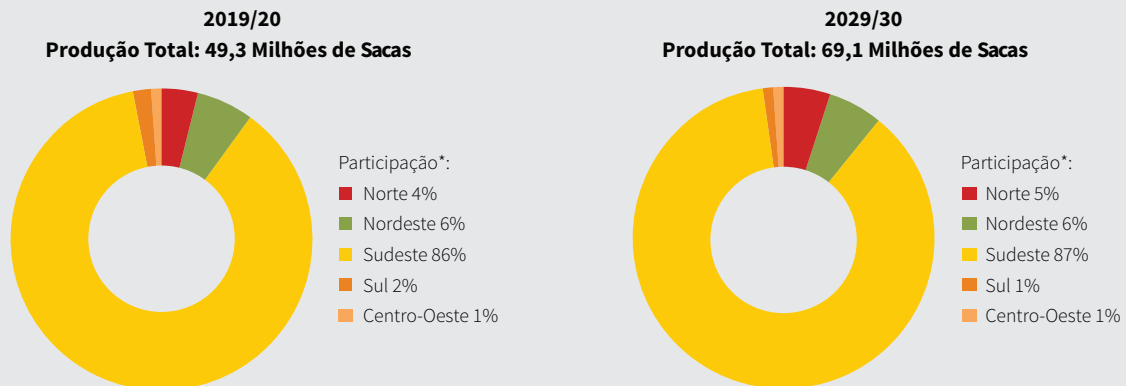


Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Café

Consumo doméstico **28%** ↗
 Exportação líquida **7%** ↗



Participação Regional na Produção de Café



Notas: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.
 ** Produtividade baseada na área em produção.

Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CAFÉ

em 2029/2030*



2,1 MILHÕES
de hectares plantados

▾ queda de -2% em relação à safra 2019/2020



69,1 MILHÕES
de sacas produzidas

▴ crescimento de 40% em relação à safra 2019/2020



43,9 MILHÕES
de sacas exportadas

▴ crescimento de 7% em relação à safra 2019/2020

41%

será o crescimento da produtividade*** (sacas/ha)

27,2 → **38,3**
2019/2020 2029/2030

consumo per capita
(kg/hab/ano)

6,7 (Safra 2019/20)  **8,1** (Safra 2029/30)

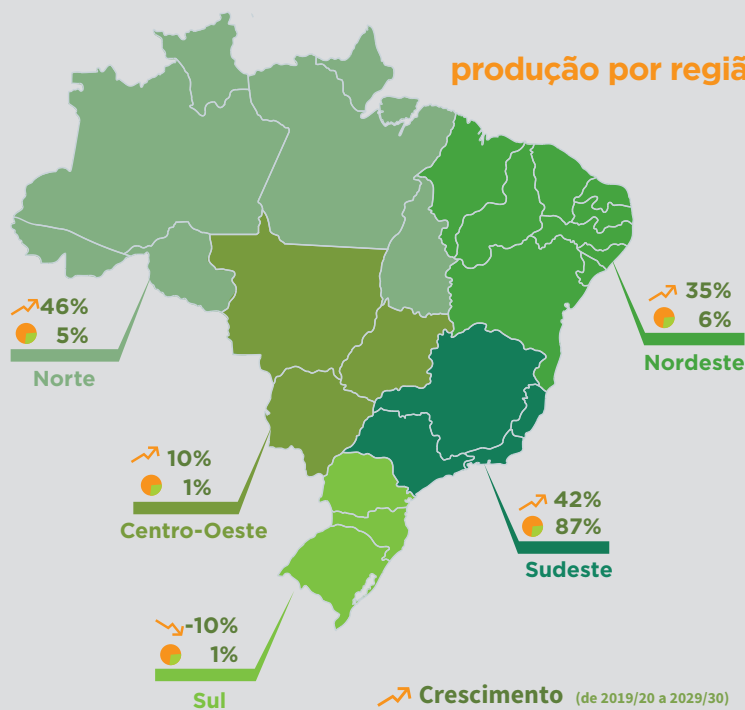
▴ crescimento de 21%

demanda doméstica

23,6 milhões de sacas (Safra 2019/20)  **30,2** milhões de sacas (Safra 2029/30)

▴ crescimento de 28%

produção por região



▴ **Crescimento** (de 2019/20 a 2029/30)
● **Participação em 2029/30****

Notas: *Comparativo entre as safras 2019/2020 e 2029/2030 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

*** Produtividade baseada na área em produção. Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CANA-DE-AÇÚCAR, AÇÚCAR E ETANOL

Após dois anos de forte superávit no mercado global de açúcar, a safra mundial 2019/2020 deve gerar um déficit de mais de 8 milhões de toneladas. Isto se deve à redução de cerca de 6 milhões de toneladas na safra da Índia, e também na da Tailândia, União Europeia e Austrália, além do Brasil. Após três anos de preços do açúcar abaixo dos US\$ 13/lb, a perspectiva de um déficit global estimulou a elevação nas cotações no começo de 2020.

Devido aos baixos preços do açúcar vigentes em 2019, os produtores brasileiros direcionaram sua produção para o etanol, que apresentava vantagem em comparação ao açúcar, resultado da manutenção da política de paridade da gasolina com o mercado internacional. Essa política, aliada ao real desvalorizado, sustentou as cotações do combustível fóssil, permitindo uma boa precificação para o etanol no mercado interno.

Havia bons motivos para acreditarmos em um cenário otimista para o crescimento do mercado de etanol no Brasil nos próximos anos. A melhora esperada para o desempenho da economia e da renda levaria a uma expectativa mais favorável para as vendas de automóveis e maior demanda por combustíveis. O início do Programa Renovabio (Política Nacional de Biocombustíveis), estabelecido em 2017 e com início previsto para 2020, também deveria ser um instrumento de incentivo para os próximos anos, já que a iniciativa amplia progressivamente a participação dos combustíveis renováveis na matriz de transporte brasileira.

Em relação ao mercado internacional, foram divulgados alguns planos – principalmente na Ásia – para o aumento da adição do etanol na gasolina. A Índia pretende chegar em 2030 com uma adição de 30% de etanol na gasolina e possui boas perspectivas para alcançar esse objetivo, pois vê no biocombustível uma saída para reduzir os altos estoques de açúcar no país e permitir a redução da poluição nos seus grandes centros.

No entanto, este cenário extremamente favorável sofreu um grande revés. Primeiramente, a crise gerada pela pandemia do Covid-19 reduziu drasticamente o consumo de combustíveis nos países afetados. No auge da crise, na China, estima-se uma queda de quase 1 milhão de barris por dia.

Com isso, os preços do petróleo começaram a recuar no mercado externo e esperava-se um acordo entre os países produtores, de maneira a buscar um equilíbrio na oferta do produto. No entanto, a Rússia e a Arábia Saudita entraram em conflito e anunciaram um aumento nas suas produções de petróleo. Conseqüentemente, as cotações do combustível tiveram uma das maiores quedas já registradas, chegando a patamares próximos a US\$ 20 por barril.

Aparentemente, os dois países estão tentando atingir a produção de petróleo de xisto (shale oil) dos EUA, que vem ganhando participação de mercado nos últimos anos e estava ampliando a sua oferta.

A queda de preços e a redução do consumo estão colocando pressão sobre os produtores de biocombustíveis, o que acabou afetando também as cotações do açúcar, que caíram devido à perspectiva de aumento de sua produção pelas usinas, em substituição ao etanol. Existe uma grande incerteza no setor, uma vez que não são conhecidos ainda a magnitude e o prazo da pandemia, bem como os efeitos que ela pode provocar em relação à situação econômica mundial. Também não sabemos quanto tempo vai durar o aumento na produção da Arábia Saudita e da Rússia, uma vez que esta situação de conflito traz grandes perdas econômicas aos dois países, que devem, portanto, buscar um entendimento em algum momento no futuro.

O setor sucroalcooleiro nacional estava em um processo de recuperação da crise vivida nos últimos anos e agora terá de mostrar mais uma vez sua capacidade de superar situações adversas. Várias empresas conseguiram vender parte da sua produção de açúcar em patamares de preços remuneradores e o real desvalorizado tem ajudado a manter esses valores ainda em níveis razoáveis, mas a perspectiva de preços do etanol traz grande apreensão sobre os resultados da safra.

Mesmo no caso do açúcar, o patamar de preço verificado atualmente é 20% inferior aquele observado em fevereiro deste ano. Portanto, para as empresas que não conseguiram fazer operações de *hedge* em Bolsa, as perdas no açúcar também poderão ser significativas.

O real desvalorizado também ampliou o nível de endividamento de parte das companhias que possuem empréstimos em moeda estrangeira.

Para os próximos anos esperamos que, após a crise, ocorra a recuperação das cotações do petróleo e a manutenção do câmbio em um patamar elevado, o que traz uma perspectiva de bons preços tanto para o etanol quanto para o açúcar. No Brasil, este cenário, caso seja confirmado, poderá proporcionar uma gradual recuperação do setor, com a retomada dos investimentos na elevação da produtividade dos canaviais, além de um certo estímulo ao investimento em ampliação da área plantada. No entanto, a situação mundial atual atrasou de forma relevante o movimento de retomada que deveria ser mais acentuado já neste ano.

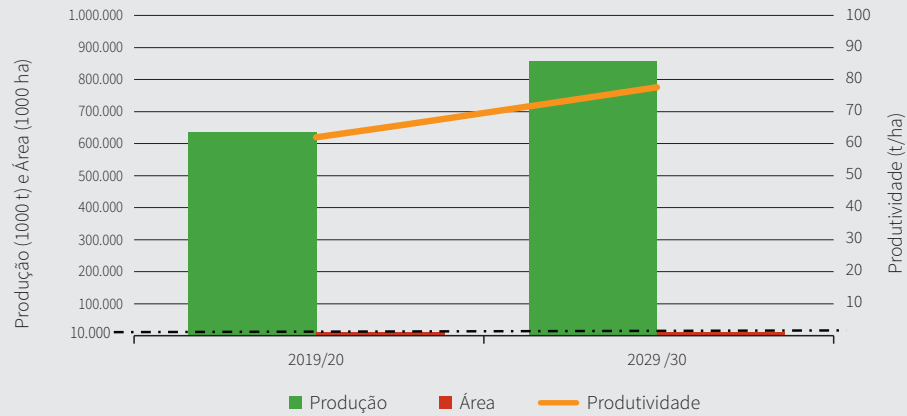
Varição entre 2019/20 e 2029/30

Produção, Área e Produtividade Brasileira da Cana-de-Açúcar

Produção
35% ↗

Área Plantada
8% ↗

Produtividade
25% ↗

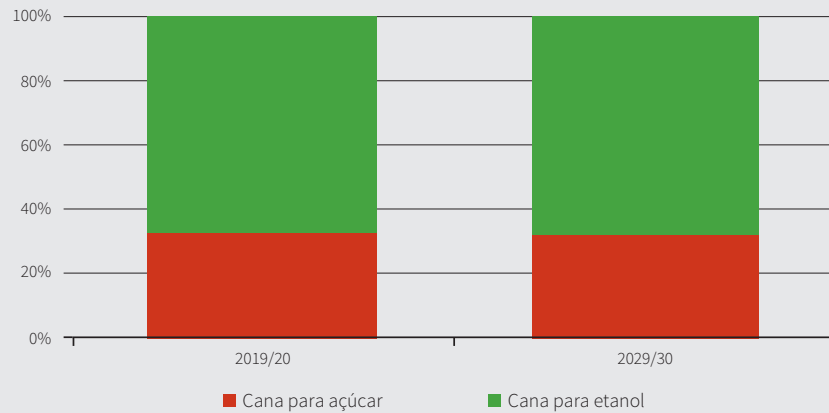


Destino da Cana-de-Açúcar Produzida no Brasil

Mix
2029/30

Açúcar
34%

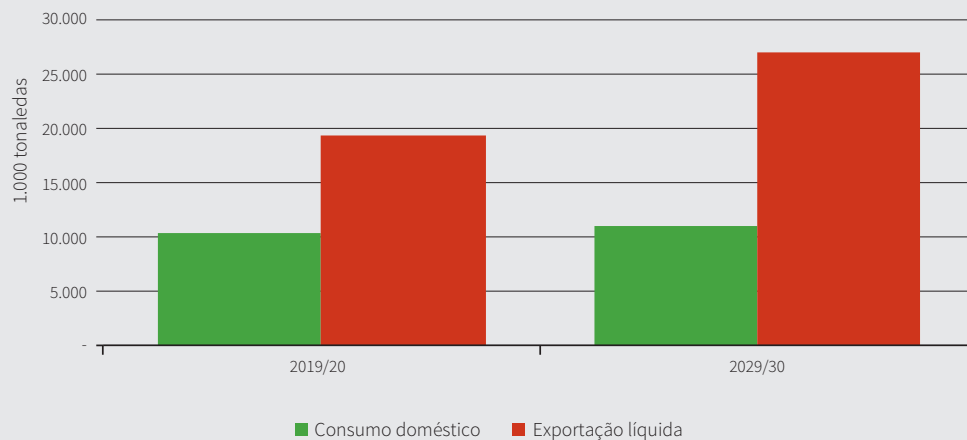
Etanol
66%



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Açúcar

Consumo doméstico
6% ↗

Exportação líquida
41% ↗

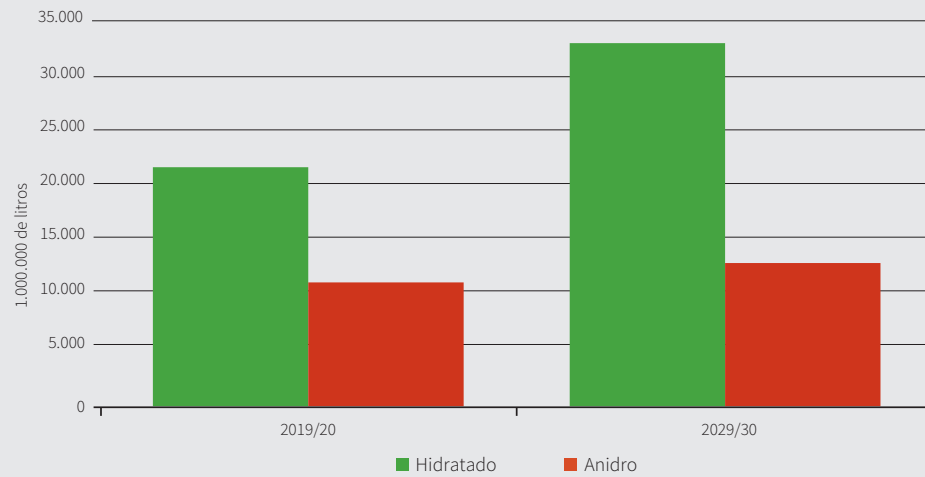


Varição entre 2019/20 e 2029/30

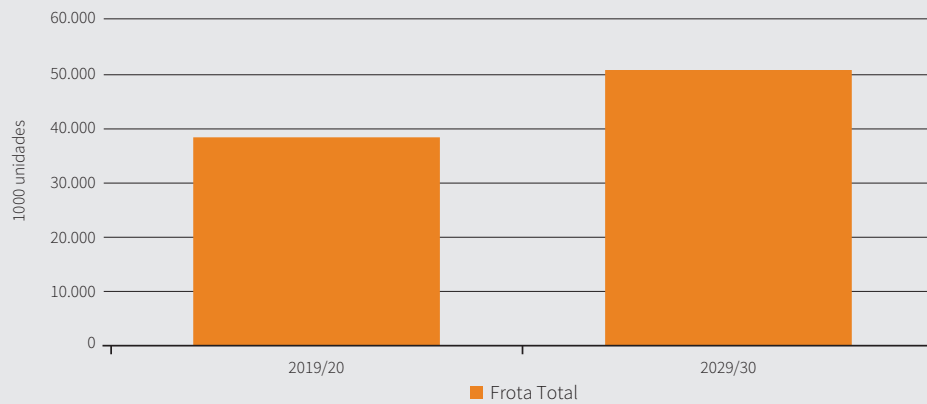
Consumo Doméstico de Etanol Anidro e Hidratado

Consumo Etanol Hidratado
54% ↗

Consumo Etanol Anidro
20% ↗



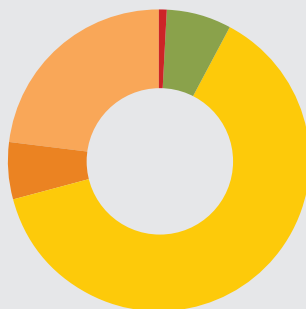
Evolução da Frota Brasileira de Veículos



Participação Regional na Produção de Cana-de-Açúcar

2019/20

Produção Total: 635,6 Milhões de Toneladas

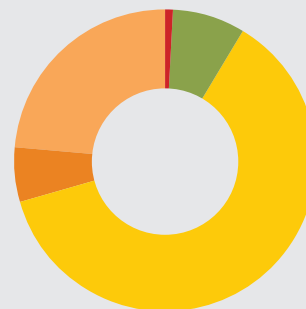


Participação*:

- Norte 1%
- Nordeste 7%
- Sudeste 63%
- Sul 6%
- Centro-Oeste 23%

2029/30

Produção Total: 858,0 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 1%
- Nordeste 8%
- Sudeste 63%
- Sul 6%
- Centro-Oeste 24%

Nota:* A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CANA-DE-AÇÚCAR, AÇÚCAR E ETANOL

em 2029/2030*

Cana-de-Açúcar



Área Plantada
(hectares)

10,9 mi

↑ crescimento de **8%**

Produção
(toneladas)

858,0 mi

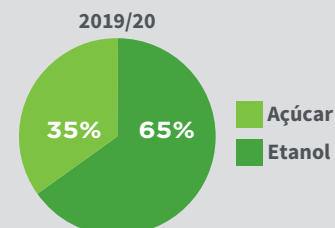
↑ crescimento de **35%**

Produtividade
(t/ha)

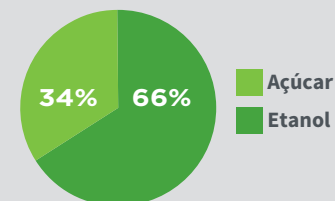
79

↑ crescimento de **25%**

Mix de produção



2029/30



Açúcar



Produção
(t)

38,0 mi

↑ crescimento de **31%**

Exportação líquida (t)

27,0 mi

↑ crescimento de **41%**

Demanda doméstica (t)

11,0 mi

↑ crescimento de **6%**

Etanol



Produção
(litros)

43,6 bi

↑ crescimento de **39%**

Exportação líquida (l)

2,1 bi

↑ crescimento de **483%**

Demanda doméstica (l)

45,9 bi

↑ crescimento de **43%**

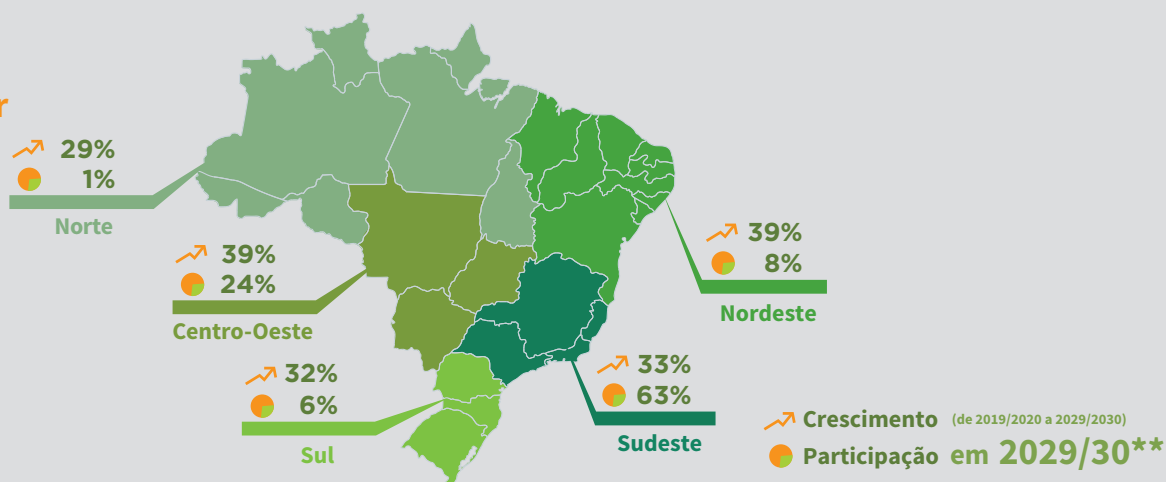


frota brasileira de veículos leves

51,6 mi unidades

38% flex hidratado (2029/30)

produção de cana-de-açúcar por região



Notas: *Comparativo entre as safras 2019/2020 e 2029/2030 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CELULOSE

O ano de 2019 foi desafiador para o setor de celulose, com queda nas cotações da fibra curta. Os preços do produto entraram em movimento de queda no fim de 2018, basicamente em razão dos altos estoques nos principais produtores globais e da desaceleração econômica da China. De acordo com dados do IBÁ, em 2019, a produção doméstica de celulose recuou 6,6%, em um processo de ajuste dos preços declinantes no mercado internacional.

As exportações do Brasil ficaram praticamente estáveis em 2019, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), com 15,4 milhões de toneladas embarcadas. As vendas para a China continuaram em crescimento, somando 7 milhões de toneladas, 6% a mais que em 2018. Já a Europa e outros países asiáticos, como a Coreia do Sul, reduziram suas compras. A queda nos preços levou a um recuo de 10% nas receitas com exportação.

Havia no mercado uma perspectiva de que, a partir de 2020, os preços da celulose de eucalipto voltariam a subir com a recuperação da economia chinesa. Esse cenário seria favorável ao Brasil, pois o País é o principal fornecedor global do produto. No entanto, o aparecimento do Coronavírus na China acendeu um sinal de alerta e assim, como na maior parte das *commodities*, a celulose também sofreu com o recuo na demanda. Entendemos que esta situação seja passageira, mas de qualquer maneira ela já minimiza o ritmo de recuperação esperado para o acumulado de 2020.

Outro fator pressiona o mercado: há dois grandes projetos em celulose de eucalipto, um no Chile, da Arauco, e outro da UPM, no Uruguai, que iniciam suas produções a partir de 2021, podendo causar mais pressão às cotações, especialmente se combinados a uma recuperação mais lenta da economia chinesa.

No Brasil, alguns novos investimentos estão engatilhados, mas ainda sem previsão de início das operações, como uma nova fábrica da Suzano (agora uma fusão com a Fibria) em Mato Grosso do Sul, para a qual já foram adquiridas áreas florestais e a licença de instalação, além da ampliação da planta da Bracell (antiga Luarcell) em Lençóis Paulista.

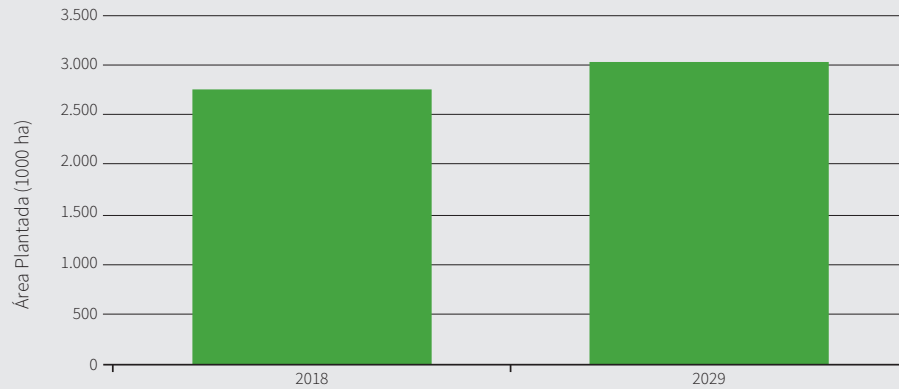
Apesar do ajuste de preços da celulose no curto prazo, o mercado de *Tissue* (papéis sanitários) na China deve manter crescimento de 1,1% ao ano nos próximos anos, e a fibra curta de eucalipto – na qual o Brasil possui alta competitividade e capacidade de oferta – é a matéria-prima essencial para esse tipo de produto. No longo prazo, a demanda por celulose curta

da China deve manter-se com boas perspectivas, pois praticamente metade da capacidade instalada de produção de papel no país utiliza esse tipo de celulose.

Apesar de um curto prazo desafiador, a expectativa para o período projetado segue otimista. Com os projetos já em execução, a área plantada com florestas no Brasil tende a manter crescimento para atender à capacidade instalada das plantas colocadas em operação em anos recentes, bem como dos novos projetos em andamento.

Área com Florestas Plantadas para a Produção de Celulose no Brasil

Área Plantada
11% ↗

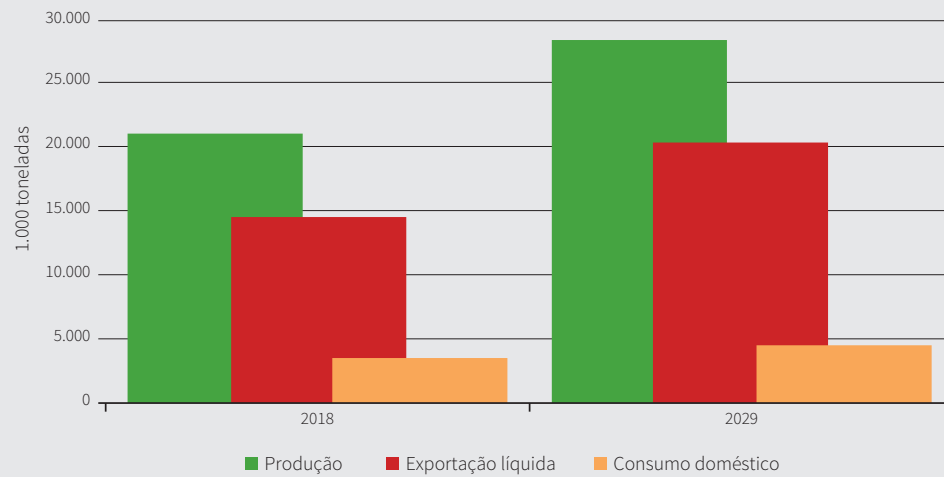


Oferta e Demanda de Celulose no Brasil

Produção
30% ↗

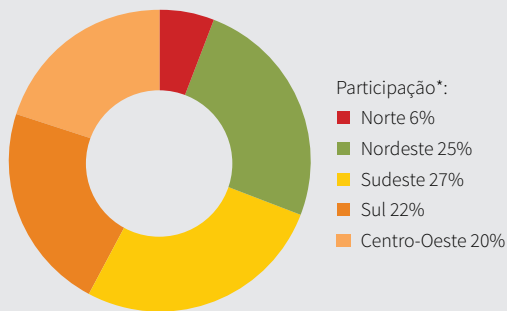
Consumo doméstico
22% ↗

Exportação líquida
40% ↗

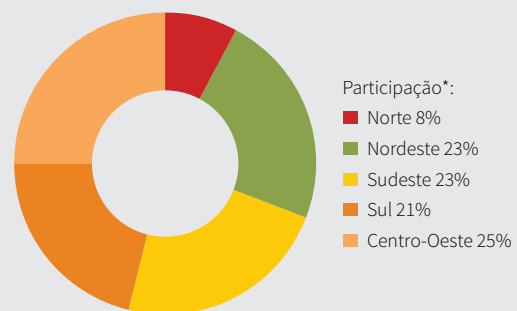


Participação Regional na Área Plantada com Eucalipto para a Produção de Celulose

2018
Total: 2,7 Milhões de Hectares



2029
Total: 3,0 Milhões de Hectares



Nota:* A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. **Fonte:** Outlook Fiesp **Elaboração:** FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CELULOSE

em 2029*



3,0 MILHÕES
de hectares plantados com eucalipto

crescimento de 11% em relação à safra 2018



27,3 MILHÕES
de toneladas produzidas de celulose

crescimento de 30% em relação à safra 2018



20,3 MILHÕES
de toneladas
líquidas exportadas

crescimento de 40% em relação à 2018

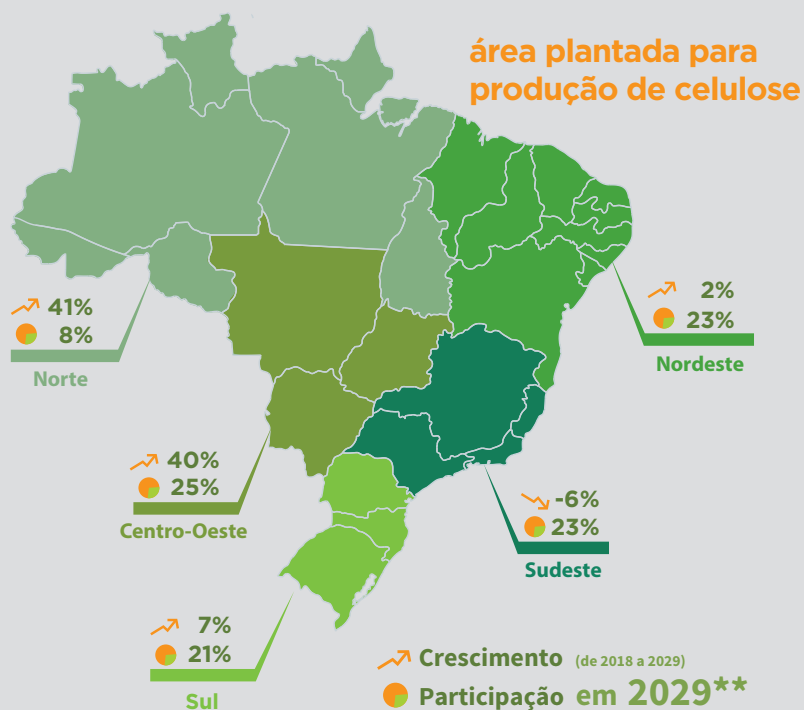
demanda doméstica

3,6
milhões de t
2018



4,4
milhões de t
2029

crescimento de 22%



Notas: *Comparativo entre as safras 2018 e 2029- Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



FEIJÃO

O feijão faz parte da base alimentar dos brasileiros, sendo um produto presente em todos os estados da federação. A preferência pelo tipo do feijão varia de região para região, de acordo com o preparo de pratos locais. De qualquer forma, o tipo carioca é o mais consumido, por ser o favorito nas áreas mais populosas do Brasil.

No comércio internacional, devido às particularidades de consumo regionais e às características inerentes de cada mercado, sua dinâmica de comercialização é bastante limitada. Por essa razão o preço é formado quase exclusivamente pelas condições de oferta e demanda do mercado interno. O ano de 2019 apresentou oscilações de preços significativas, tendo existido boas janelas de remuneração para os produtores.

A existência de três safras de ciclo curto dentro de um mesmo ano agrícola permite ao mercado desse cereal uma dinâmica muito peculiar, que favorece o ajuste da decisão de plantio conforme o cenário de preços praticados no mercado. Assim, se a oferta ficar muito acima da demanda e pressionar as cotações, é possível ajustar a produção na safra seguinte, e poucos meses depois consegue-se equilibrar o mercado.

A primeira safra da temporada 2020 teve redução de área, devido à competição com outros grãos, como soja e milho, além do risco de queda da qualidade do produto, já que a colheita do feijão de primeira safra frequentemente coincide com o período chuvoso. Mesmo assim a previsão é de boa produção, com recuperação da produtividade da lavoura.

Quanto ao mercado consumidor, as mudanças nos hábitos alimentares e no estilo de vida dos brasileiros ocorridas nos últimos anos fizeram com que, apesar da combinação arroz e feijão continuar presente na dieta, exista uma tendência de incorporação de outros tipos de alimentos. Embora se encontrem no mercado opções de feijão pronto ou semipronto, o elevado tempo de preparo do produto convencional dificulta seu uso pelas pessoas, que procuram por maior praticidade e conveniência. Como consequência, seu consumo *per capita* vem caindo ao longo dos anos, e essa tendência deverá ser mantida no longo prazo. Desenvolver novas formas para a sua utilização na alimentação seria uma maneira de aproveitar os benefícios nutricionais do feijão e incentivar a sua demanda futura.

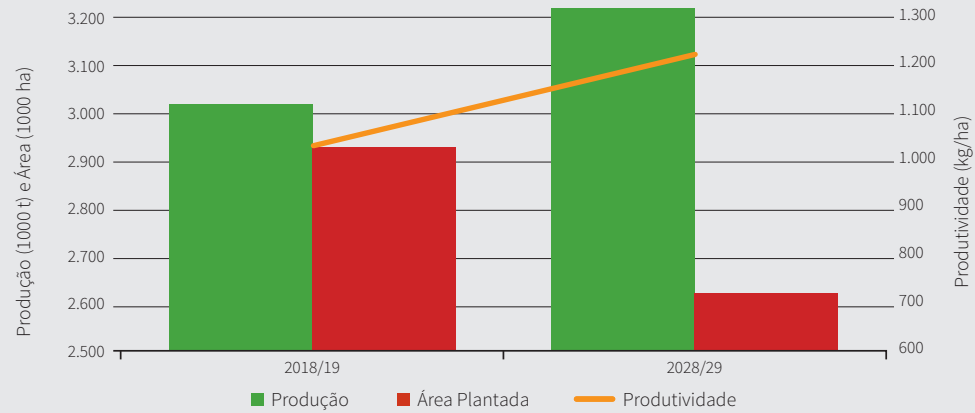
Varição entre 2018/19 e 2028/29*

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Feijão

Produção
7% ↗

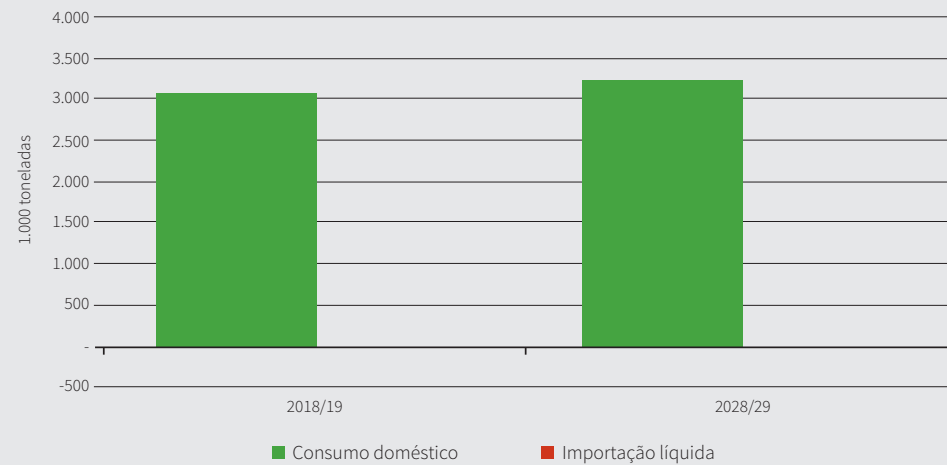
Área Plantada
-10% ↘

Produtividade
19% ↗

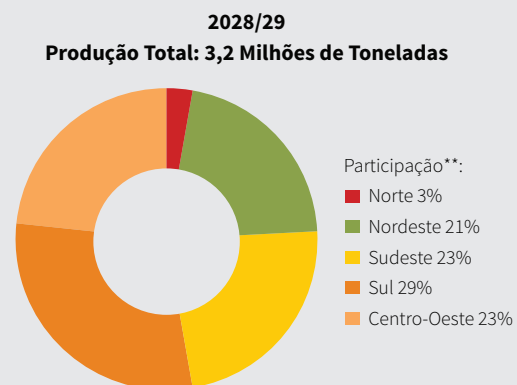
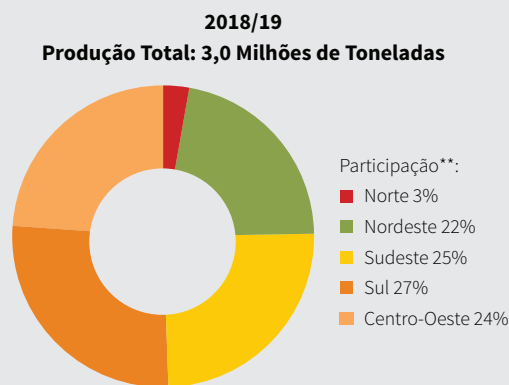


Consumo Doméstico e Importação Líquida de Feijão

Consumo doméstico
6% ↗



Participação Regional na Produção de Feijão



Notas: * Valores referentes as 3 safras do feijão. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

FEIJÃO

em 2028/2029*



2,6 MILHÕES
de hectares plantados

queda de 10% em relação à safra 2018/2019



3,2 MILHÕES
de toneladas produzidas

crescimento de 7% em relação à safra 2018/2019

consumo per capita
(kg/hab/ano)

14,4
(Safra 2018/19)



14,4
(Safra 2028/29)

estável

19%

será o crescimento da produtividade (t/ha)

1,0
2018/2019



1,2
2028/2029

demanda doméstica

3,1
milhões de t
(Safra 2018/19)



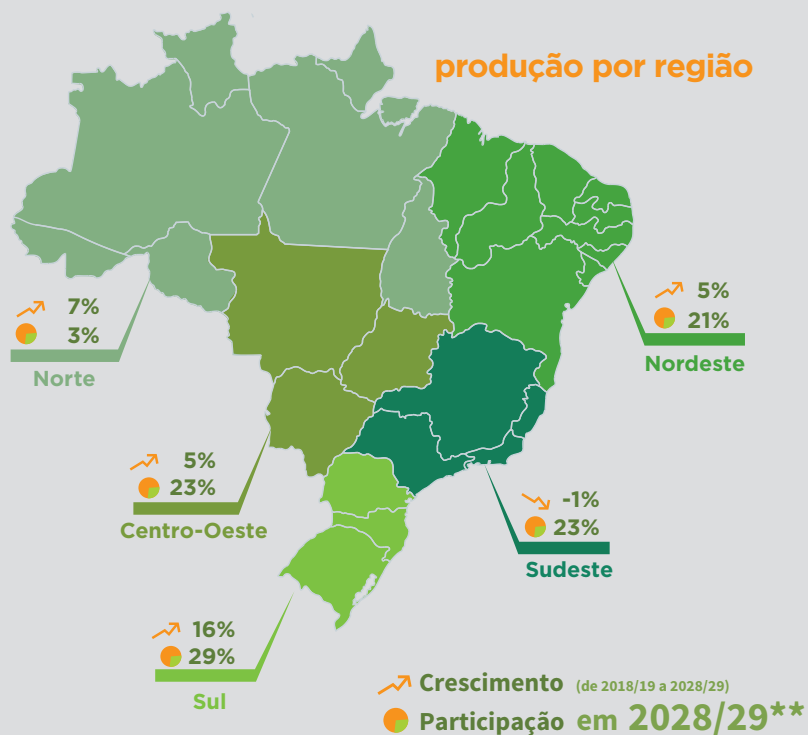
3,2
milhões de t
(Safra 2028/29)

crescimento de 6%

participação
no total produzido
na Safra 2028/29

29% 1ª safra
47% 2ª safra
25% 3ª safra

produção por região



Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029. Valores referentes as 3 safras. - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



MILHO

O milho ganhou destaque no País com o aumento de sua relevância nas últimas temporadas, seja para abastecer o mercado interno, seja para o externo. A safra recorde na temporada 2018/2019 atendeu à produção doméstica de carnes e ao aumento do uso destinado à produção de etanol e ainda gerou excedentes para exportação, que atingiu 43 milhões de toneladas, volume recorde e 71% maior que o exportado no ano anterior.

Para a safra 2019/2020, vale destacar que, ao contrário da tendência observada nas últimas safras, a área de milho de primeira safra não cedeu espaço para a soja, uma vez que seus preços estavam competitivos. Além disso, mesmo com alguns problemas climáticos sofridos na primeira safra do cereal, especialmente no Sul do País, e um relativo atraso no plantio da segunda safra, ainda está prevista uma elevada produção para esta temporada, podendo superar, inclusive, o recorde da safra precedente.

A demanda interna deve manter-se aquecida ao longo de 2020, tanto para atender o setor de proteína animal quanto para produzir etanol. Nesse cenário, os grãos têm pouco espaço para quedas de preços. A expectativa é de que as exportações sejam menores, em termos de volume, que as registradas em 2019, devido à menor disponibilidade de produto. Ainda assim deverão se manter em níveis elevados. Vale observar que o câmbio desvalorizado favorece a receita em reais do produtor brasileiro.

A crise de escassez de carne suína vivenciada na China, em consequência da forte redução de produção devido à Peste Suína Africana, deu origem a um cenário global bastante demandante por fontes de proteínas de origem animal. Os preços das carnes no mercado internacional alcançaram valores recordes em 2019 e, embora estejam mais acomodados, a demanda seguirá aquecida, o que dará suporte às cotações.

Observa-se no momento um desaquecimento da economia global em virtude da crise deflagrada pelo novo Coronavírus, mas é esperada uma recuperação mais forte do mercado assim que a epidemia for controlada. Nesse sentido, o Brasil destaca-se no cenário mundial como importante produtor não só de grãos, mas também de carnes, com capacidade de expandir a produção de ambos e ampliar a participação no mercado exportador.

A safra de milho 2019/2020 terá uma dinâmica complexa no mercado internacional, com perspectiva de redução na oferta de importantes produtores do cereal. No caso dos EUA, mesmo a previsão de ampliação da área plantada para esta temporada não foi suficiente para suprir o recuo projetado na produtividade da lavoura. Com isso, a produção foi estimada em 348 milhões de toneladas, queda de 4,5% sobre 2018/2019.

Para a Argentina, a mudança fica por conta da volta das *Retenciones*. O imposto de exportação do milho, que estava zerado, foi reativado pelo novo governo. A safra de 2019/2020 já está praticamente definida, havendo pouco espaço para mudanças de área de plantio e, portanto, no curto prazo, os efeitos mais diretos incidirão na rentabilidade do produtor local e não devem gerar tanto impacto na oferta, que tende a ser influenciada somente nas próximas safras. Se a tributação persistir, podem ocorrer reduções de áreas de plantio e produção, como visto anteriormente com a mesma política aplicada no país.

Para o período projetado, a perspectiva aponta para a continuidade do ritmo de crescimento da produção, consumo e exportação do cereal, influenciada pelo crescente mercado de etanol a partir de milho e o aumento da demanda para uso na alimentação animal.

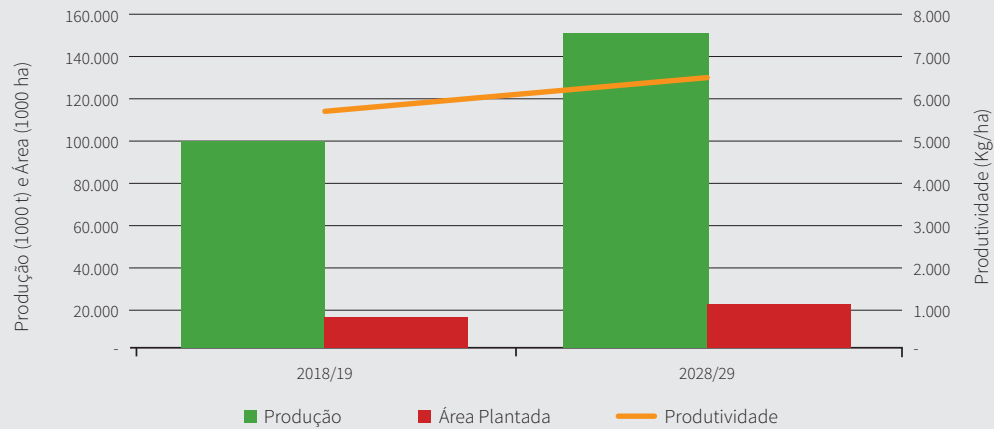
Varição entre 2018/19 e 2028/29*

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Milho

Produção
51% ↗

Área Plantada
32% ↗

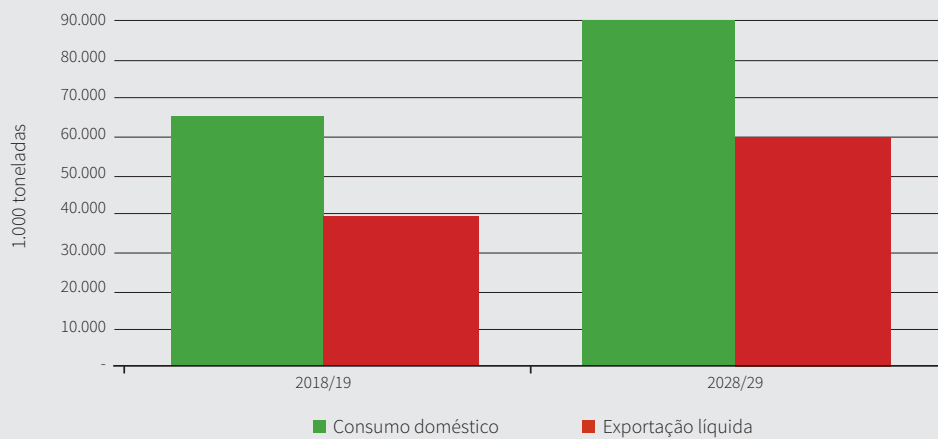
Produtividade
15% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Milho

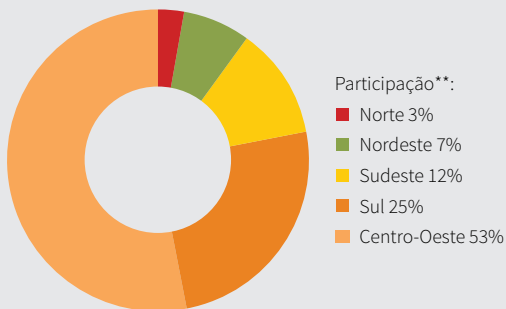
Consumo doméstico
38% ↗

Exportação líquida
52% ↗

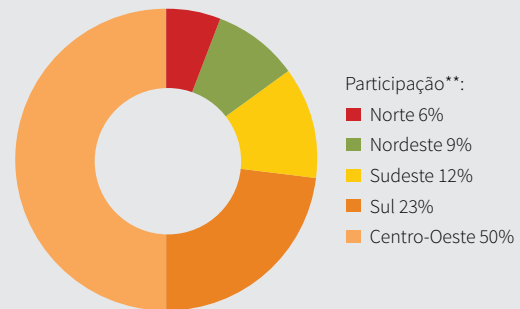


Participação Regional na Produção de Milho

2018/19
Produção Total: 100,0 Milhões de Toneladas



2028/29
Produção Total: 151,2 Milhões de Toneladas



Notas: *Valores referentes as 2 safras do milho. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

MILHO

em 2028/2029*



23,1 MILHÕES
de hectares plantados

crescimento de 32% em relação à safra 2018/2019



151,2 MILHÕES
de toneladas produzidas

crescimento 51% em relação à safra 2018/2019

15%

será o crescimento da produtividade (t/ha)

5,7 **6,6**
2018/2019 2028/2029

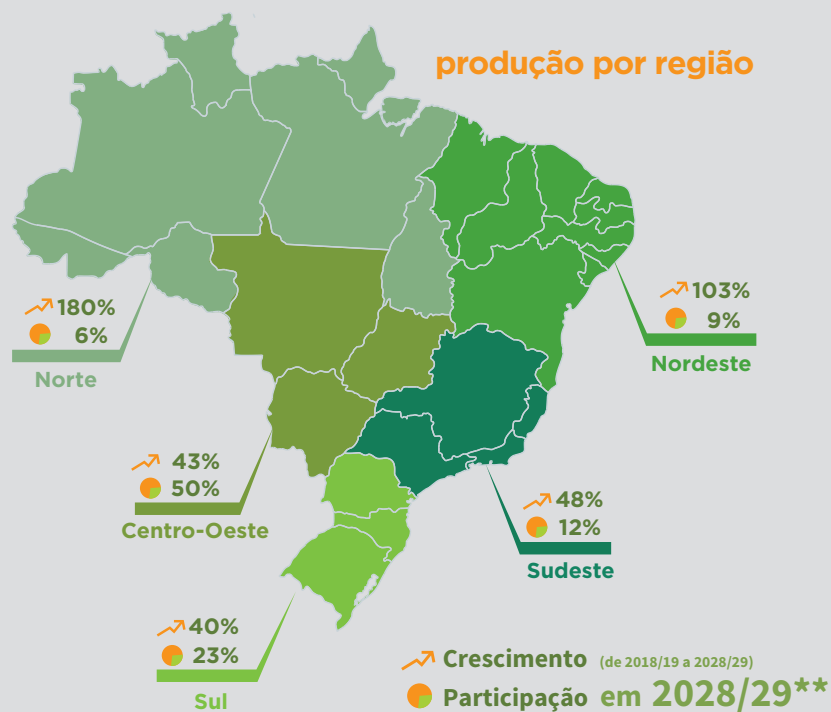


39,6 mi
de toneladas
líquidas exportadas
(Safr 2018/19)

60,0 mi
de toneladas
líquidas exportadas
(Safr 2028/29)

crescimento de 52% em relação à safra 2018/2019

produção por região



demanda doméstica

65,2
milhões de t
2018/2019



89,9
milhões de t
2028/2029

crescimento de 38%

66% crescimento na produção de milho 2ª safra

81% participação da 2ª safra na produção total de milho

Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029. Valores referentes as 2 safras do milho. - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



SOJA: GRÃO, FARELO E ÓLEO

O produtor brasileiro está satisfeito com a safra de soja 2019/2020, como ficou explicitado pelo Índice de Confiança do Agronegócio, elaborado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), que registrou recorde da série histórica no último trimestre de 2019. O Brasil colhe a maior área de soja já plantada no mundo*.

Os 37 milhões de hectares colhidos em 2020 resultarão na maior safra de soja já obtida, mostrando que o dinamismo do setor segue forte. A área poderia ter sido maior, não fossem os bons preços do milho, que estimularam o plantio da primeira safra do cereal.

O programa brasileiro de biodiesel exerce um papel importante na demanda pelo grão, sendo responsável pelo aumento do esmagamento de soja nos anos recentes. Em setembro de 2019, o percentual mínimo de biodiesel a ser acrescido ao óleo diesel comercializado no País passou de 10% para 11%, e deve subir para 12% em 2020. No ano passado foram produzidos 5,9 bilhões de metros cúbicos de biodiesel, dos quais 70% tiveram o óleo de soja como matéria-prima.

Para os próximos anos, a produção deverá seguir crescendo, assim como o esmagamento, que gera também o farelo para atender à crescente produção nacional de carnes, além de excedentes para exportação. Sustentado pela boa demanda, tanto interna quanto externa, e pelo câmbio desvalorizado, o preço do grão no mercado interno segue em bons patamares, acima da média das cotações dos últimos dois anos.

No cenário internacional, diversos fatores podem impactar o setor de soja, sendo um deles o efeito do recente anúncio da assinatura da Fase 1 do acordo entre os EUA e a China. Nessa etapa, Washington reduziu algumas tarifas sobre produtos chineses, e Pequim comprometeu-se a importar US\$ 12,5 bilhões acima do valor correspondente de 2017 (de US\$ 23,9 bilhões) em produtos agrícolas dos EUA no ano civil de 2020 e US\$ 19,5 bilhões em 2021.

* Em 2017, os EUA cultivaram 36,4 milhões de hectares com soja.

Caso o acordo seja cumprido, isso significa uma elevação nas exportações dos EUA para a China de cerca de 149% e 197%, respectivamente, em relação ao ano-base de 2019. É importante ressaltar que essas quantias adicionais serão alocadas em uma série de produtos agrícolas, não apenas na soja.

Durante a disputa, a China elevou consideravelmente a importação de soja do Brasil, reduzindo a dos EUA. Com o acordo, essa dinâmica tende a mudar, com aumento da participação norte-americana nas importações chinesas do grão. Isso, necessariamente, não implica uma queda das exportações totais brasileiras de soja. Nesse período de hostilidade, a relação brasileira com o país asiático foi consolidada como uma boa alternativa para atender às necessidades daquele mercado e, estrategicamente, não parece provável que a China fique numa posição de forte dependência da soja americana.

No geral, tanto para a soja quanto para outros produtos agrícolas, os efeitos do acordo não devem ser muito significativos, uma vez que o balanço de oferta e demanda mundial, que é o que tem maior peso na precificação dos mesmos, não deve ser afetado. Dessa forma, o que deve ocorrer é uma reorganização nos destinos dos bens transacionados entre os países.

Destaca-se que o consumo da oleaginosa deve voltar a crescer na China, por conta de um maior uso de grãos para a produção de carnes e a recomposição de rebanho, uma vez superada a crise da Peste Suína Africana.

Outro fator de preocupação é o recente surto do novo Coronavírus, que tem impactado negativamente a atividade econômica da China, com efeitos globais. Muitas fábricas estão paradas, a movimentação de pessoas e de cargas está limitada, provocando o desabastecimento de alimentos, além de uma redução drástica das importações de produtos agrícolas até que se tenha uma visão mais clara de como o mercado se comportará. Porém, é certo que, conforme o tempo passar, haverá necessidade de reposição dos estoques. Nesse sentido, a demanda de alimentos na China pode se intensificar nos meses seguintes, uma vez superada a fase de controle da doença.

Ainda não há clareza sobre as reais consequências dessa pandemia na economia do país e, conseqüentemente, na mundial. Mas, de forma geral, as commodities agrícolas e os alimentos são os produtos que sofrem menos com os impactos de uma crise, já que a sua elasticidade-renda da demanda tende a ser menor que o observado em produtos mais elaborados ou do setor de serviços.

A ocorrência de dois grandes episódios sanitários (a Peste Suína Africana e o novo Coronavírus) em curto espaço de tempo, somada aos recorrentes problemas de H1N5 em aves, induzirá o governo chinês a uma revisão estratégica na estrutura de produção de suínos do país, o que, provavelmente, elevará a demanda por milho e soja para atender à maior tecnificação da produção na suinocultura.

A continuidade da ocidentalização de hábitos alimentares, bem como o aumento dos padrões sanitários da produção agropecuária chinesa, tende a ditar o ritmo de crescimento da demanda global por soja no longo prazo. Isso reforça o crescimento do uso de grãos para a elevação tecnológica da produção de carnes e a ampliação das importações chinesas de carnes de países de alto padrão sanitário, como é o caso do Brasil.

Em uma rápida análise dos principais competidores globais do Brasil, temos o seguinte quadro: nos EUA, o conflito comercial impactou diretamente a rentabilidade do produtor e, para contornar o problema, o governo anunciou pacotes de compensação que incluíram repasses diretos. A soja, segundo dados oficiais, é o item mais afetado. A demanda foi bastante fraca e nem mesmo a quebra de safra em 2019 foi suficiente para impulsionar os preços internacionais. Os repasses do governo revertem em parte o resultado operacional que havia se tornado negativo. No entanto, mesmo com os subsídios, a rentabilidade continua em patamares baixos.

O pacote de ajuda ao produtor norte-americano tem caráter emergencial e, portanto, é renovado a cada safra, dificultando a análise para as colheitas futuras. Porém, foi anunciado que não haverá repasses em 2020, já que as exportações de soja devem retomar a normalidade com a assinatura da Fase 1 do acordo comercial.

Na Argentina, depois da tentativa de liberalismo capitaneada por Mauricio Macri, o novo governo eleito restabelece a política de Retenciones (taxas) sobre as exportações do setor agropecuário. O fato pode indicar que o ajuste fiscal necessário ao país não será realizado por meio de corte de gastos, mas sim pela expectativa de aumento da arrecadação.

Entretanto, como vimos no passado recente, a taxação dos produtos agrícolas acaba por diminuir a receita e desestimular os produtores, provocando uma redução do crescimento da produção do país no médio e longo prazo. Neste ano, a safra já está definida, mas a medida pode impactar negativamente a produção de grãos do país vizinho nos anos seguintes.

Apesar de todas as incertezas do cenário mundial, as perspectivas do setor de soja continuam favoráveis e a produção brasileira deverá seguir crescendo de forma sustentada nos próximos anos. Haverá continuidade da expansão de área em um ritmo mais modesto do que acompanhamos até agora, mas ganhos de produtividade proporcionarão aumentos da produção, garantindo a competitividade da soja nacional. A incorporação de novas tecnologias no campo será fundamental para que o setor siga sua trajetória de sucesso.

Os dados oficiais das últimas safras brasileira podem passar por uma revisão da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pois, aparentemente, houve divergência na contabilização da produção. Dessa forma é possível que os volumes de soja que o Brasil vem produzindo possam ser superiores aos divulgados.

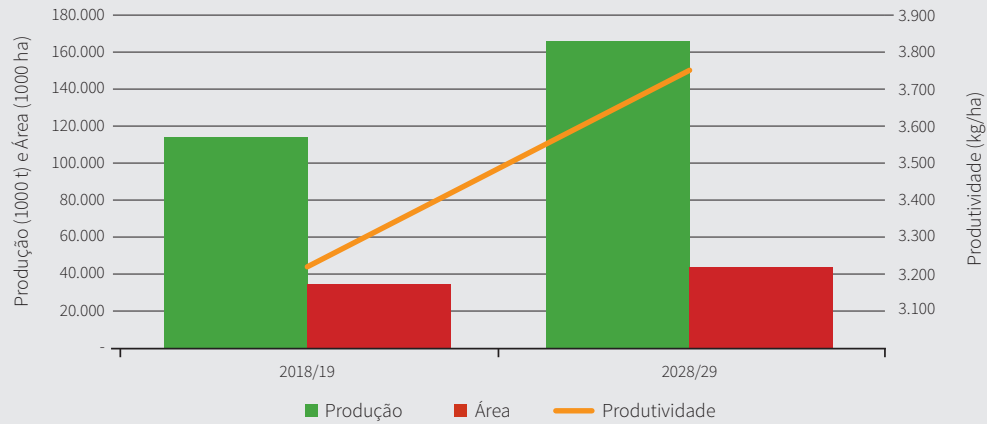
Varição entre 2018/19 e 2028/29

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Soja

Produção
44% ↗

Área Plantada
24% ↗

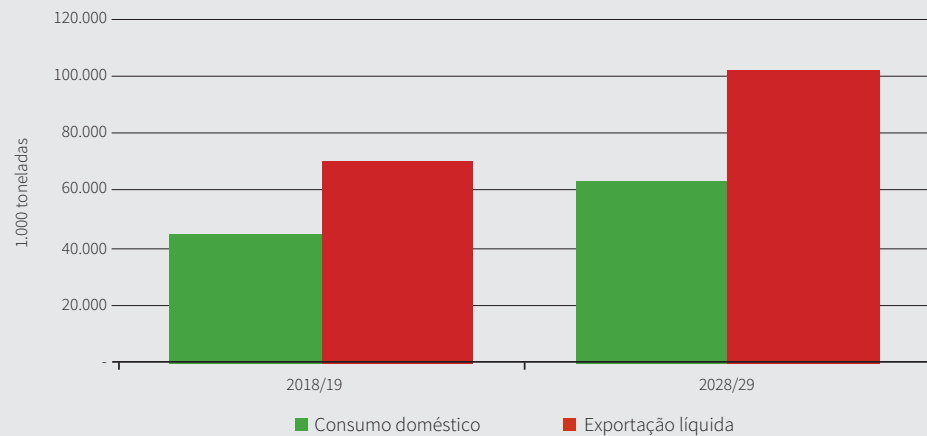
Produtividade
17% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Soja

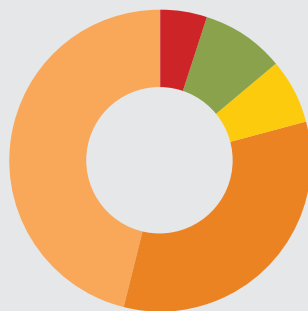
Consumo doméstico
36% ↗

Exportação líquida
50% ↗



Participação Regional na Produção de Soja

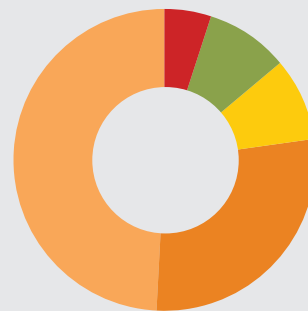
2018/19
Produção Total: 115,0 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 5%
- Nordeste 9%
- Sudeste 7%
- Sul 33%
- Centro-Oeste 46%

2028/29
Produção Total: 165,9 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 5%
- Nordeste 9%
- Sudeste 9%
- Sul 28%
- Centro-Oeste 49%

Nota: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

SOJA: GRÃO, FARELO E ÓLEO

em 2028/2029*



44,3mi
de hectares plantados

↗ crescimento de 24%

17%

será o crescimento da produtividade (t/ha)



produção
(em milhões de toneladas)

Soja em grãos

165,9 mi

↗ crescimento de 44%

Farelo de soja

45,4 mi

↗ crescimento de 39%

Óleo de soja

11,5 mi

↗ crescimento de 36%



exportação líquida
(em milhões de toneladas)

104,7 mi

↗ crescimento de 50%

25,6 mi

↗ crescimento de 76%

0,8 mi

↘ redução de 27%



demanda doméstica
(em milhões de toneladas)

61,3 mi

↗ crescimento de 36%

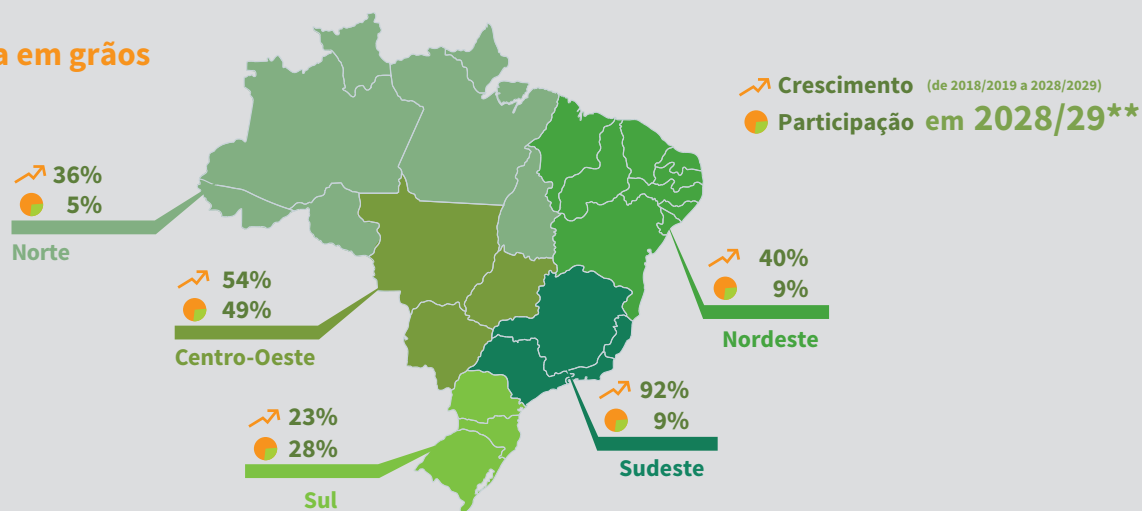
19,9 mi

↗ crescimento de 15%

10,8 mi

↗ crescimento de 45%

produção de soja em grãos por região



Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



SUCO DE LARANJA

A Flórida, maior estado produtor de citrus dos EUA, retomou sua produção na safra 2018/2019, para 74 milhões de caixas, ante 45 milhões de caixas na de 2017/2018, seu pior desempenho histórico. Nesse país, a safra 2019/2020 deve manter-se estável, de acordo com dados do USDA.

No Brasil, as regiões que concentram a produção de citros – o estado de São Paulo e o Sul de Minas Gerais – tiveram desempenho excelente em 2019, com crescimento de quase 100 milhões de caixas sobre a safra anterior.

Com maiores ofertas na Flórida e no Brasil, as cotações do suco congelado no mercado internacional ficaram pressionadas, já que a demanda pelo produto vem apresentando curva descendente há anos.

No entanto, apesar da nossa boa safra, os preços pagos aos produtores brasileiros pelas caixas de laranja mantiveram-se em patamares remuneradores, porque problemas climáticos acabaram afetando a disponibilidade de frutos de qualidade para a indústria e para o consumo de mesa.

No mês de março de 2020, a pandemia do Coronavírus impactou o setor: as cotações futuras do suco de laranja subiram mais de 20% desde o início do mês. Esse movimento de alta nos preços pode estar relacionado à maior demanda pelo produto em nível global. As pessoas intensificaram o consumo de produtos ricos em vitamina C, para elevar a imunidade.

Entretanto, vale ponderar que, apesar do alento nos preços do produto, ele deve ser limitado ao período de duração desta pandemia. A crise global pós-pandemia provocará uma recessão que poderá afetar o consumo da bebida.

Para a safra que será colhida em 2020, o Brasil volta para um ano de baixa do ciclo de produção. Segundo o CEPEA-USP, a perspectiva é de que as cotações sigam elevadas pelo menos até o início da colheita das precoces de 2020/2021, previsto para meados de março.

A expectativa para os próximos anos é de que as margens dos produtores devam se manter em nível remunerador. A área plantada continuará relativamente estável, mas os pomares novos têm adotado um maior adensamento das plantas, o que melhora a sua produtividade.

A situação da produção citrícola na Flórida é fundamental para os cenários futuros. Caso retome sua produção de maneira mais acentuada, o Brasil perde espaço em um mercado de consumo decrescente. Caso contrário, se os EUA voltarem a perder o controle sobre seus problemas fitossanitários, poderá haver algum incremento da competitividade do Brasil no mercado global. Nosso cenário-base é de estabilização da produção americana no período, com tendência de queda na área e aumento da produtividade nos pomares remanescentes.

A tendência de decréscimo global no consumo de suco de laranja deve persistir, uma vez que sua substituição por outras bebidas continua ocorrendo e ainda não existe crescimento suficiente nos países emergentes para compensar a perda de mercado nos principais consumidores mundiais.

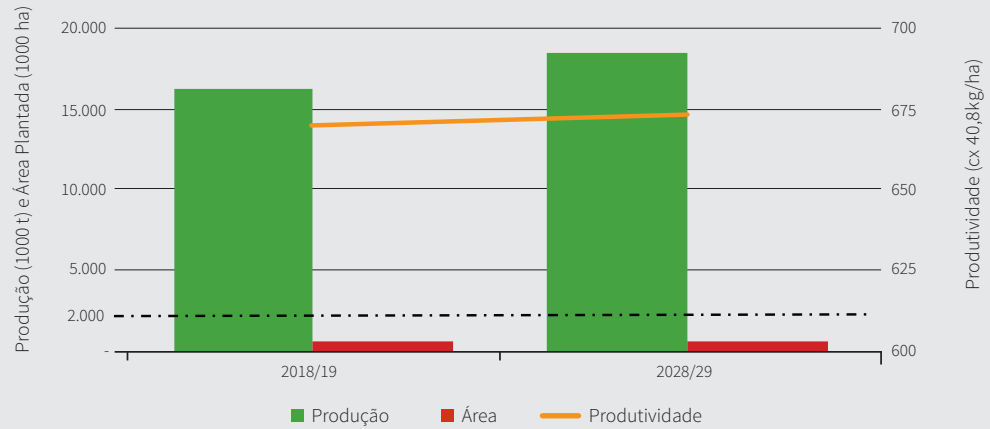
Varição entre 2018/19 e 2028/29

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Laranja

Produção
5% ↗

Área Plantada
4% ↗

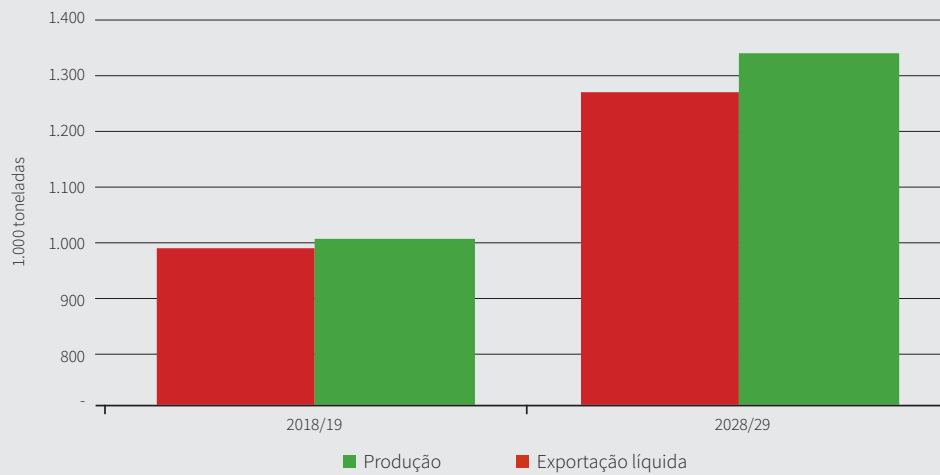
Produtividade
0,3% ↗



Produção e Exportação Líquida de Suco de Laranja

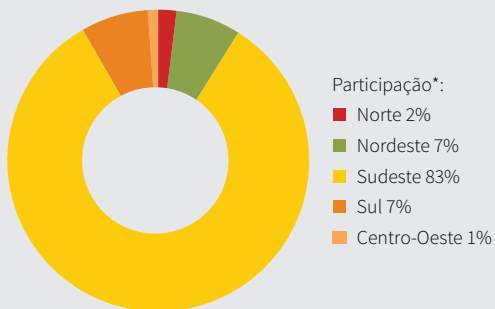
Produção
33% ↗

Exportação líquida
30% ↗

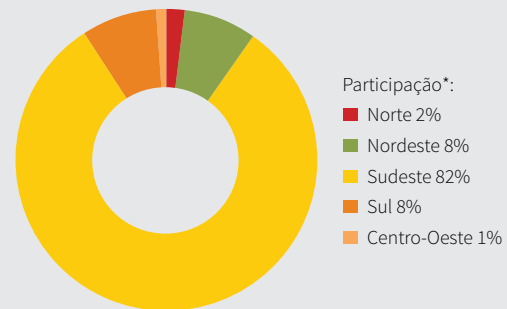


Participação Regional na Produção de Laranja

2018/19
Produção Total: 16,7 Milhões de Toneladas



2028/29
Produção Total: 17,5 Milhões de Toneladas



Nota: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, são explicadas pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp. Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

SUCO DE LARANJA

em 2028/2029*



636 MIL

hectares plantados com laranja

📈 crescimento de 4% em relação à safra 2018/2019



17,5 MILHÕES
de toneladas
de laranjas produzidas

📈 crescimento de 5% em relação à safra 2018/2019



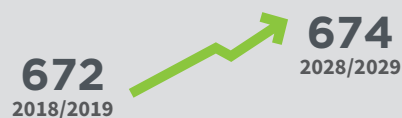
1,3 MILHÃO

toneladas de suco
de laranja produzidos
(Safra 2028/29)

📈 crescimento de 33% em relação à safra 2018/2019

0,3%

será o crescimento da
produtividade (cx de 40,8 kg/ha)



demanda doméstica
de suco de laranja

40
mil t
(Safra
2018/2019)



45
mil t
(Safra
2028/2029)

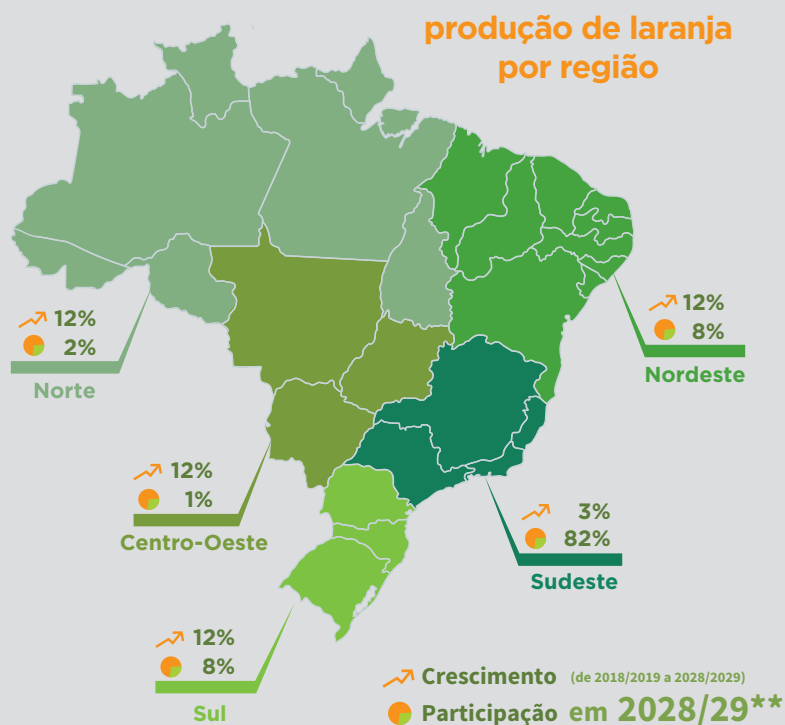
📈 crescimento de 13%



1,3 MILHÃO

toneladas líquidas exportadas de suco de laranja

📈 crescimento de 30% em relação à safra 2018/2019



Notas: * Comparativo entre 2018/19 e 2028/29 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



TRIGO

Devido às nossas limitações climáticas, o Brasil sempre teve dificuldade em aumentar a sua produção de trigo. Apesar de as muitas pesquisas em melhoramento genético e cultivares mais adaptadas ao nosso clima terem permitido a expansão da área plantada e o aumento da produtividade da cultura, o País ainda necessita importar grande parte do trigo que consome. Essa tendência deve se manter relativamente estável até que os desafios para o cultivo do produto possam ser superados.

O consumo seguirá a sua trajetória de crescimento de acordo com o aumento populacional, enquanto a produção é influenciada pelas condições de mercado que afetam a expectativa de rentabilidade da lavoura.

O trigo é cultivado na Região Sul do País durante o inverno, onde há elevadas chances de ocorrerem geadas ao longo do desenvolvimento da cultura, além das chuvas no período da colheita. Por isso é considerada uma atividade de risco, o que faz com que a gestão eficiente dos custos de produção seja determinante para o sucesso do negócio.

Com isso, mesmo havendo incentivo de preço, os aumentos de área tendem a ser minimizados, devido à baixa disposição e ao receio dos produtores para realizar investimentos significativos nessa lavoura, em razão do risco intrínseco. Além disso, os agricultores vêm tendo anos consecutivos de perdas, tanto em volume quanto em qualidade dos grãos, o que reduziu a rentabilidade no campo. Na última temporada, o excesso de chuva na colheita diminuiu a qualidade do cereal, que já havia perdido produtividade com a geada durante o desenvolvimento da planta.

No entanto, a forte desvalorização da moeda no início de 2020, aliada à baixa disponibilidade do trigo nacional e às altas observadas no mercado futuro, elevou as cotações do grão no mercado interno, fator que pode estimular alguma expansão da área plantada na próxima safra, que teve início em abril.

O desenvolvimento de novas variedades adaptadas e o cultivo em regiões de menor risco climático, com a utilização de irrigação, podem trazer novas perspectivas para a cultura. No entanto, os avanços nesse sentido não têm sido fortes o suficiente para uma modificação mais consistente na oferta doméstica do produto e, assim, nos próximos anos, o Brasil deverá continuar importando trigo e farinha de trigo, para atender à maior parte de sua demanda interna.

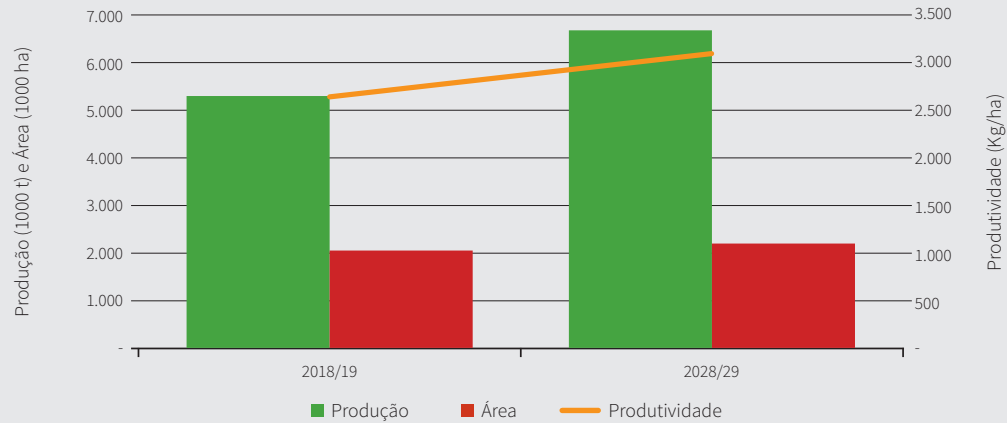
Varição entre 2018/19 e 2028/29

Produção, Área e Produtividade Brasileira de Trigo

Produção
28% ↗

Área Plantada
8% ↗

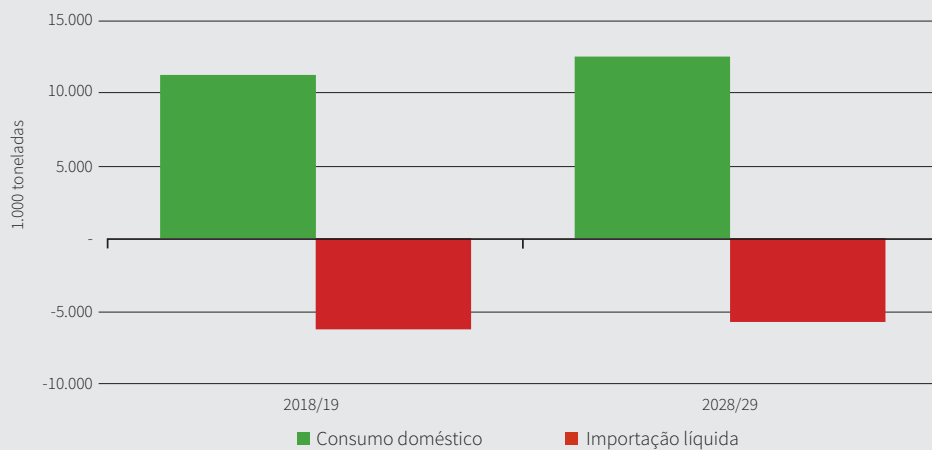
Produtividade
18% ↗



Consumo Doméstico e Importação Líquida de Trigo

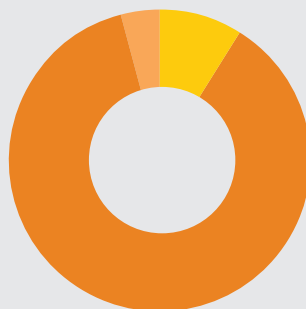
Consumo doméstico
8% ↗

Importação líquida
-8% ↘



Participação Regional na Produção de Trigo

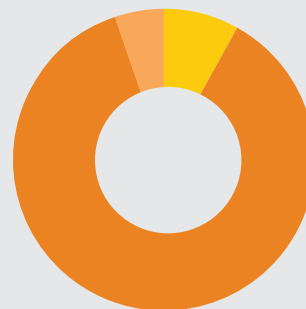
2018/19
Produção Total: 5,3 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 0%
- Nordeste 0%
- Sudeste 9%
- Sul 87%
- Centro-Oeste 4%

2028/29
Produção Total: 6,8 Milhões de Toneladas



Participação*:

- Norte 0%
- Nordeste 0%
- Sudeste 8%
- Sul 86%
- Centro-Oeste 5%

Nota: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, são explicadas pelo sistema de arredondamento. Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

TRIGO

em 2028/2029*



2,2 MILHÕES
de hectares plantados

↗ crescimento de 8% em relação à safra 2018/2019



6,8 MILHÕES
de toneladas produzidas

↗ crescimento de 28% em relação à safra 2018/2019



5,6 MILHÕES
de toneladas líquidas importadas
(Safras 2018/19 e 2028/29)

↘ redução de -8% em relação à safra 2018/2019

18%

será o crescimento da produtividade (t/ha)

2,6 2018/2019 → 3,1 2028/2029

consumo per capita
(kg/hab/ano)

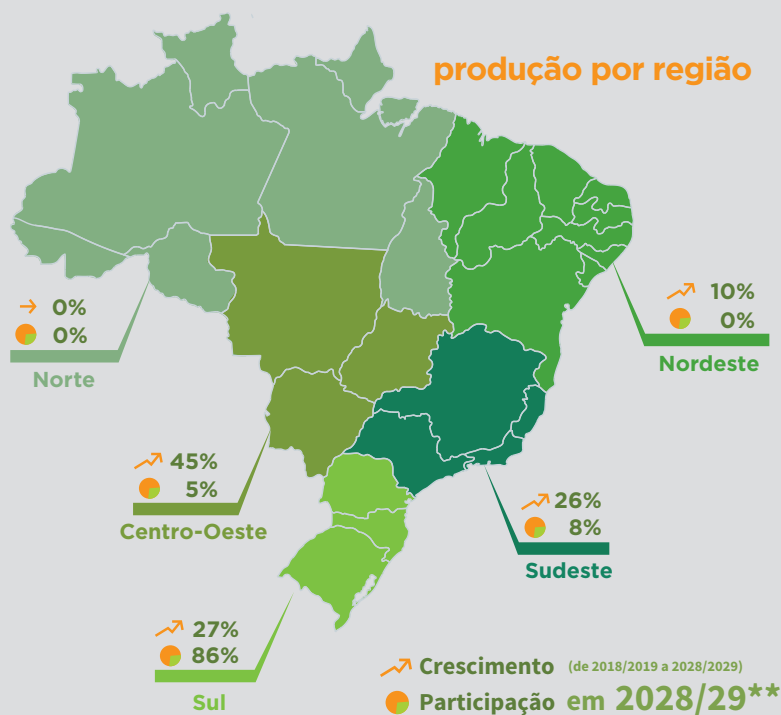
54,0 (Safras 2018/19)  55,3 (Safras 2018/19 e 2028/29)

↗ crescimento de 2%

demanda doméstica

11,5 milhões de t (Safras 2018/19)  12,4 milhões de t (Safras 2018/19 e 2028/29)

↗ crescimento de 8%



Notas: *Comparativo entre as safras 2018/2019 e 2028/2029- Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CARNE BOVINA

A China consolida-se como o principal destino da carne bovina brasileira desde 2018 e a perspectiva é ainda mais promissora para os próximos anos. A drástica redução do rebanho suíno naquele país em, praticamente, 50%, em decorrência da Peste Suína Africana, abriu espaço para o incremento das importações das diversas carnes brasileiras.

Sendo a carne bovina uma opção para substituir a suína, o consumo *per capita* dessa proteína deverá avançar de forma acelerada no país asiático. Não por acaso, os chineses vêm aumentando o número de estabelecimentos frigoríficos brasileiros habilitados para exportação. O Brasil é o principal fornecedor global e destaca-se entre os países produtores pelo grande potencial de crescimento da oferta, sobretudo por conta da possibilidade de incremento na produtividade do rebanho, que, na média, ainda é inferior aos países mais desenvolvidos.

As últimas informações dos abates brasileiros indicaram que o processo de descarte de fêmeas, que marcou o período de 2016 a 2018, vem perdendo força. Os abates bovinos continuam em expansão, mas, desde o fim de 2018, está apoiado bem mais no crescimento do abate de machos, enquanto o de vacas tem apresentado redução. Já a proporção de novilhas vem aumentando muito em razão da forte demanda por essa categoria, mas também refletindo a tecnologia que permite a engorda mais rápida e o abate mais precoce dos animais.

Um fator importante para a dinâmica do setor é a ausência de embargos nos países compradores, que têm preservado o fluxo de exportações do Brasil. Contribui para este cenário a excelente condução por parte das autoridades brasileiras, com destaque para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, na abertura e reabertura de importantes mercados consumidores.

Mesmo representando pouco mais de 20% da produção nacional, as vendas externas têm tido papel determinante na dinâmica da cadeia pecuária nos últimos anos, já que a crise econômica brasileira restringiu fortemente o poder de compra doméstico, com a consequente queda do consumo *per capita*.

Colabora com cenário benéfico projetado o fato de alguns competidores externos do Brasil terem mantido uma elevada proporção de descarte de fêmeas nos últimos dois anos, caso de EUA, Austrália, Argentina e Uruguai, o que implicou maior

oferta de carne e, conseqüente, pressão baixista nos preços. Isso sugere que a oferta de carne deverá desacelerar nesses países pela escassez de bezerros.

Mesmo com os preços da carne bovina tendo se desvalorizado nos países concorrentes, sobretudo nos EUA e na Austrália, a desvalorização cambial e o aumento das cotações no mercado interno têm mantido o produto nacional competitivo globalmente.

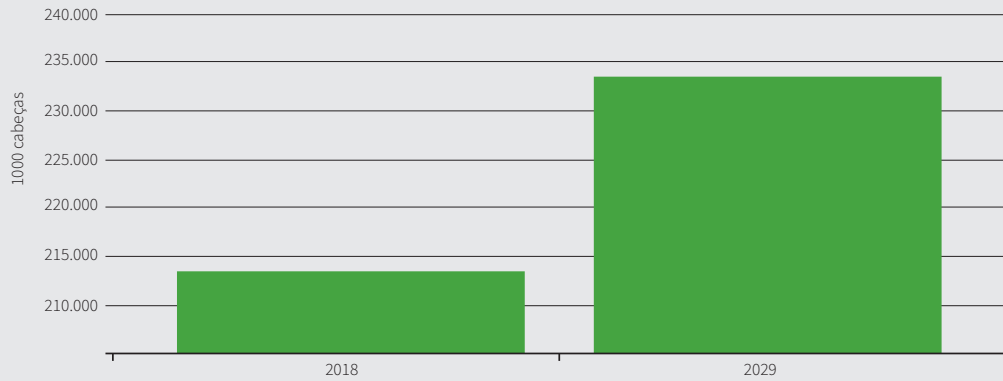
A coincidência de dois grandes episódios sanitários em curto espaço de tempo, a Peste Suína Africana e a recente epidemia de Coronavírus, provavelmente induzirá o governo chinês a uma revisão estratégica na estrutura de produção e comercialização pecuária do país.

Essa revisão passará tanto por uma intensificação da produção de proteínas animais, com a utilização de maior tecnologia e ampliação do uso de milho e soja, quanto pelo aumento da importação de carnes, especialmente a bovina, no intuito de diluir parte do risco da oferta de eventuais crises sanitárias futuras.

O Brasil está muito bem colocado para atender a esse crescimento de demanda e deverá prosseguir como grande fornecedor para o crescente mercado mundial dessa proteína.

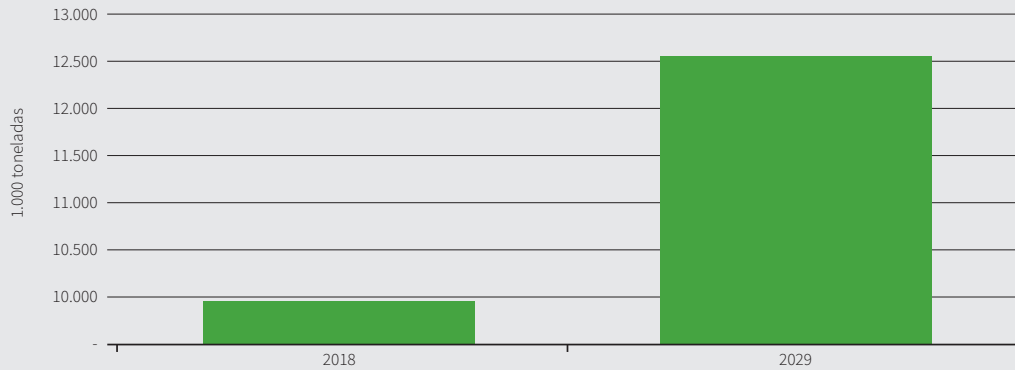
Rebanho Bovino de Corte

Rebanho bovino de corte
9% ↗



Produção Brasileira de Carne Bovina

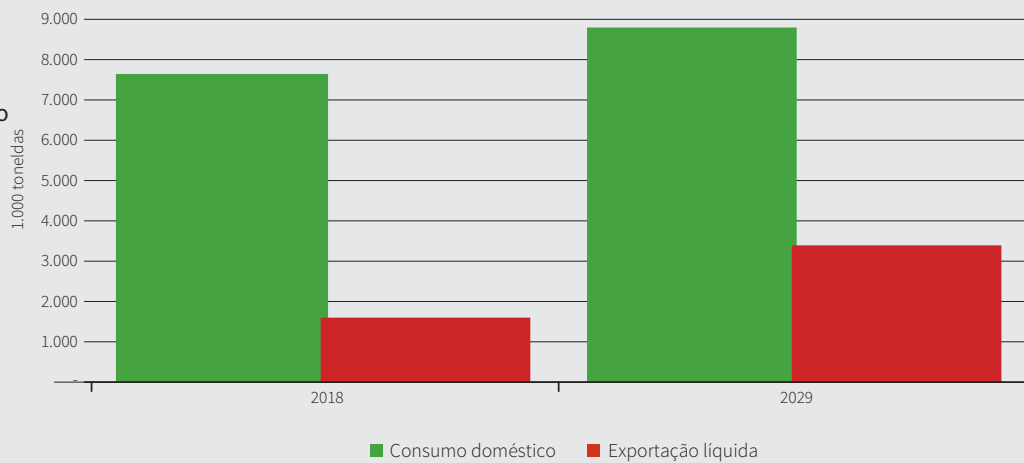
Produção
27% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Carne Bovina

Consumo doméstico
12% ↗

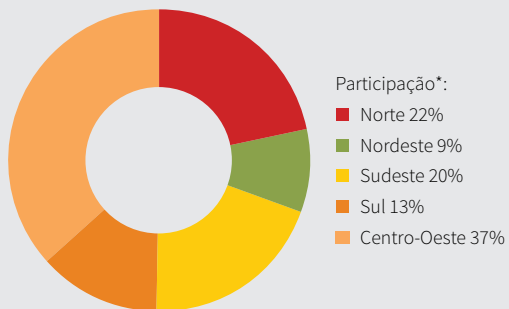
Exportação líquida
102% ↗



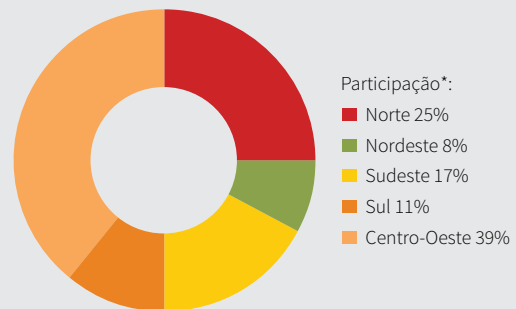
Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Participação Regional na Produção de Carne Bovina

2018
Produção Total: 9,9 Milhões de Toneladas



2029
Produção Total: 12,6 Milhões de Toneladas



Nota:* A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento. **Fonte:** Outlook Fiesp **Elaboração:** FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CARNE BOVINA

em 2029*



12,6 MILHÕES
de toneladas
de carne produzidas

↗ crescimento de 27% em relação a 2018



3,2 MILHÕES
de toneladas líquidas
exportadas de carne bovina

↗ crescimento de 102% em relação a 2018

rebanho bovino



233,5 MILHÕES

de cabeças de gado de corte
2029

↗ crescimento de 9% em relação a 2018

demanda doméstica

7,9
milhões de t
2018



8,8
milhões de t
2029

↗ crescimento de 12% em relação a 2018

área com pastagens



179,5 mi **172,6 mi**
de hectares de pastagens de hectares de pastagens
2018 2029

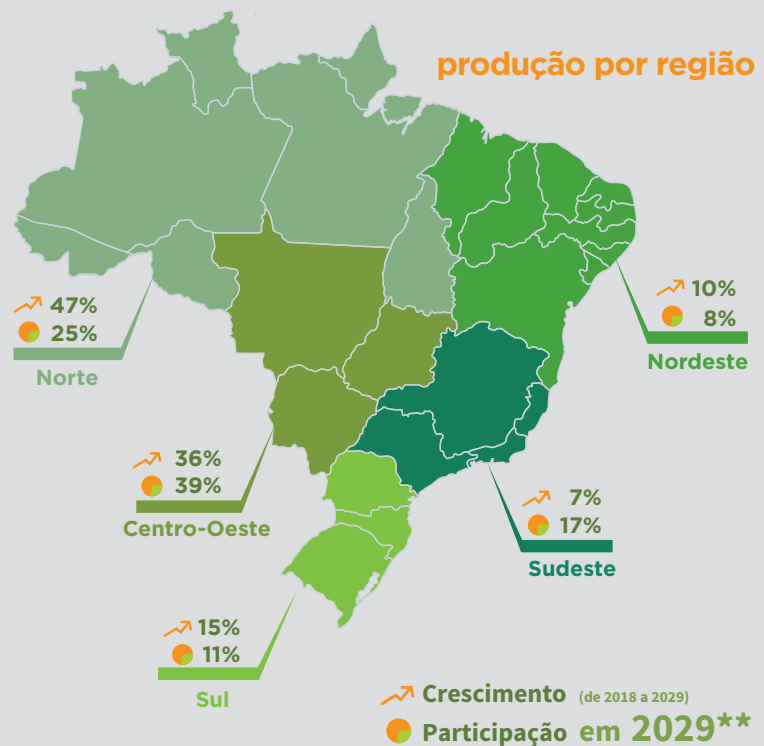
↘ redução de -4% em relação a 2018

taxa de lotação



1,2 **1,4**
cabeça por hectare cabeça por hectare
2018 2029

↗ crescimento de 14% em relação a 2018



Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CARNE DE FRANGO E OVOS

As condições melhoraram para a avicultura brasileira em 2019, após o setor ter enfrentado grandes desafios no ano anterior, em razão da alta nos custos de produção e da greve dos caminhoneiros. Apesar de os custos da ração terem se mantido em um patamar historicamente elevado, os preços da carne de frango evoluíram ainda mais, de modo que as margens das granjas voltaram ao campo positivo.

Por outro lado, a alta dos preços ao consumidor dificultou a expansão da demanda doméstica em 2019, o que, somado ao baixo crescimento econômico no País, resultou em maior cautela da indústria com o ritmo da produção. Esse cenário foi gradativamente atenuado, ao menos em parte, na medida em que a demanda externa pelo produto brasileiro melhorou, sobretudo por causa da China, com o avanço da Peste Suína Africana prejudicando a oferta de carnes no país asiático.

No início de 2019, o nosso Ministério da Agricultura anunciou a conclusão de um acordo com o Ministério do Comércio da China, que suspendeu a aplicação de tarifas *anti-dumping* sobre a importação de frango do Brasil, o que, somado às novas habilitações de frigoríficos brasileiros, fortaleceu as vendas do produto nacional aos chineses.

O governo chinês comunicou também a suspensão do embargo à carne de frango dos EUA, em vigor desde 2015, devido aos casos de gripe aviária registrados naquele país. A derrubada do embargo acrescenta um novo competidor que não estava no radar nos últimos anos, porém, o impacto nas exportações brasileiras de frango tende a ser limitado, uma vez que, tradicionalmente, os americanos são exportadores de cortes de carne escura de frango, enquanto o Brasil é um grande exportador de peito de frango (“carne branca”). A instabilidade na relação política entre os EUA e a China é outro ponto que joga a nosso favor, pois, no futuro, eventualmente, a carne americana poderá novamente estar sujeita a sobretaxas impostas pelo governo chinês.

Apesar do destaque da China, que passou a ser o principal destino em 2019, as exportações brasileiras também melhoraram para outros países relevantes, que haviam apresentado performance fraca no ano anterior, caso de Arábia Saudita, Japão e Egito. Porém, para a União Europeia as vendas foram ainda menores em 2019.

Do ponto de vista sanitário, chamou atenção a reincidência da gripe aviária no México, o que é sempre um risco para os EUA. Além disso, desde o início de 2020, a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) já notificou diversos casos de gripe aviária

na Europa e na própria China. A doença foi identificada em animais selvagens e domésticos, sendo estes últimos abatidos preventivamente.

A época é de migração de pássaros selvagens, portanto, é comum que haja um aumento no número de casos da doença. Nessa linha, o que chama atenção é que alguns países não registravam a ocorrência há vários anos, como, por exemplo, a Ucrânia e outros importantes produtores e exportadores, como a Polônia e a Hungria, que tiveram suspensas as importações por outros países, em consequência do aparecimento da doença.

A grande redução na produção chinesa de carne suína, que tem elevado os preços das proteínas naquele país, fará com que a produção de carne de frango se expanda nos próximos anos no país asiático, mas ainda assim haverá bom espaço para as importações, uma vez que a produção de frango na China é bem inferior à de suínos e o aumento previsto não conseguirá atender à demanda reprimida internamente.

De modo geral, o Brasil está bem posicionado no mercado internacional e deve manter o ritmo de crescimento das exportações nos próximos dez anos, assim como a demanda interna pela proteína seguirá uma trajetória ascendente, com reflexos positivos na geração do produto brasileiro.

Ovos

A produção de ovos é também destaque entre as proteínas, exibindo as maiores taxas de crescimento nos últimos anos, com 2019 mais uma vez surpreendendo positivamente.

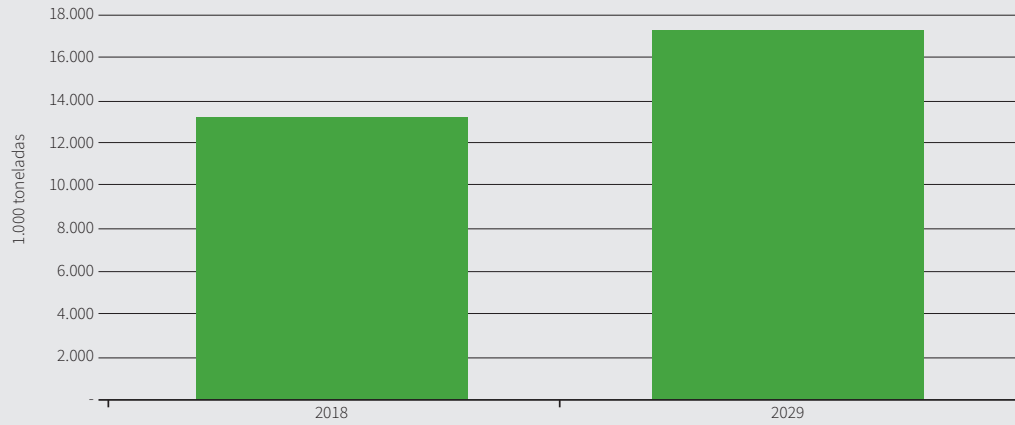
Além da questão econômica, que pesou nas escolhas dos consumidores brasileiros, o produto segue ganhando relevância na sociedade pelas propriedades nutricionais e com mitos esclarecidos pela comunidade científica, como a sua associação a riscos cardíacos. A demanda externa pelas carnes bovina, suína e de frango brasileira deve se manter aquecida, com reflexo nos preços desses produtos no mercado interno, o que leva o consumidor a optar por proteínas mais baratas, como o ovo.

A expectativa é de que a economia brasileira apresente maior crescimento nos próximos anos, o que tende a aumentar a demanda da população por itens alimentícios, beneficiando ainda mais o consumo do produto.

Varição entre 2018 e 2029*

Produção Brasileira de Carne de Frango

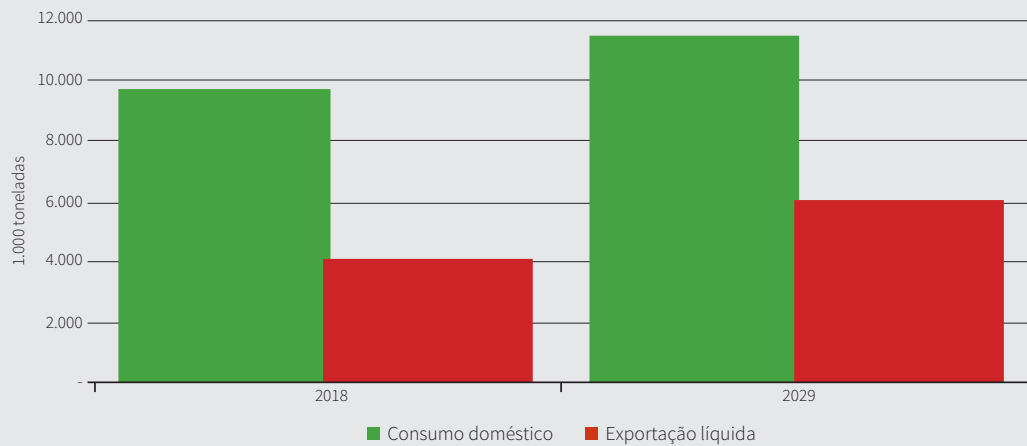
Produção
29% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Carne de Frango

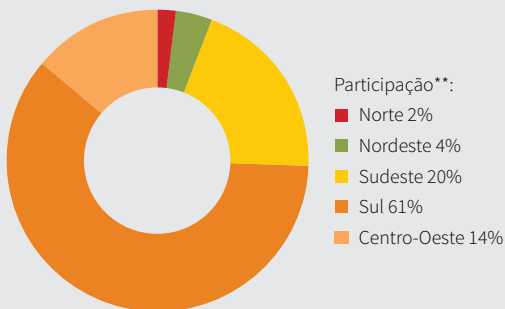
Consumo doméstico
21% ↗

Exportação líquida
48% ↗

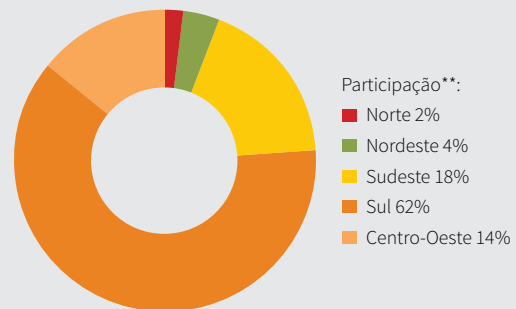


Participação Regional na Produção de Carne de Frango

2018
Produção Total: 13,4 Milhões de Toneladas



2029
Produção Total: 17,3 Milhões de Toneladas

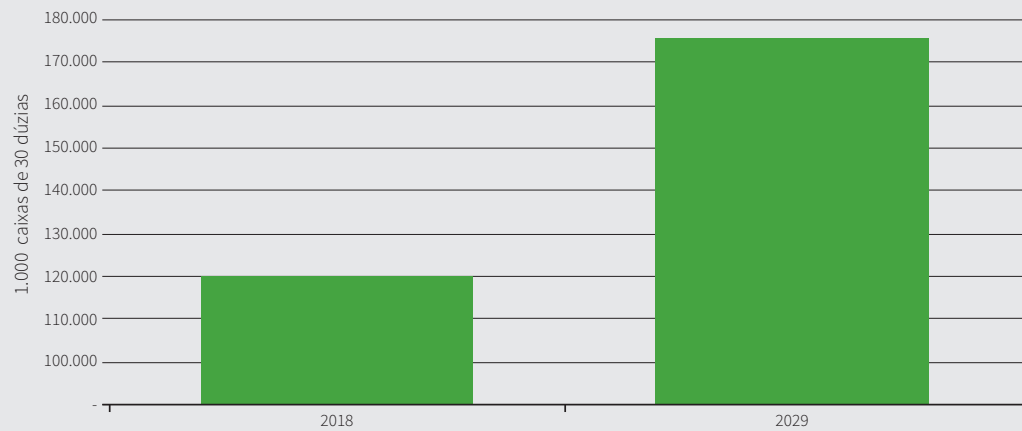


Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

Produção Brasileira de Ovos

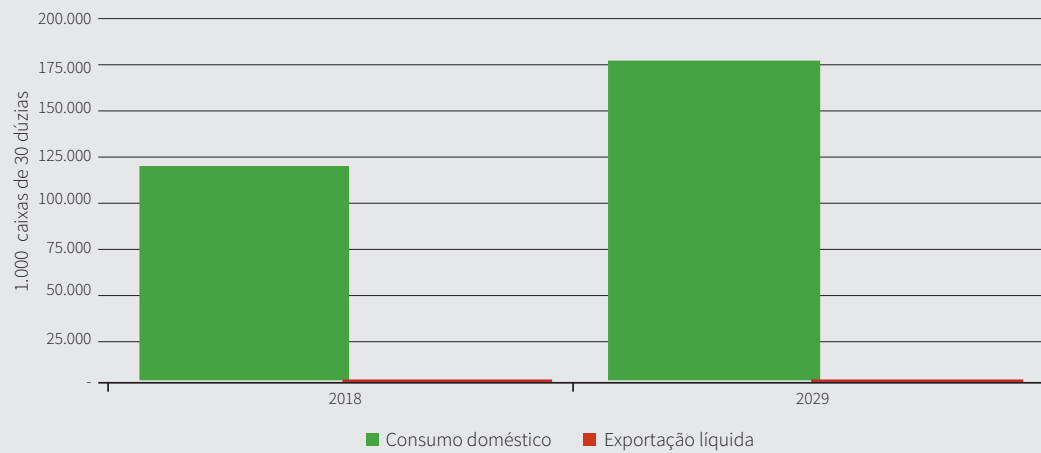
Produção
46% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Ovos

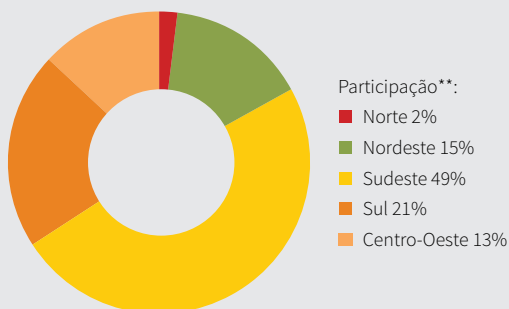
Consumo doméstico
47% ↗

Exportação líquida
10% ↗

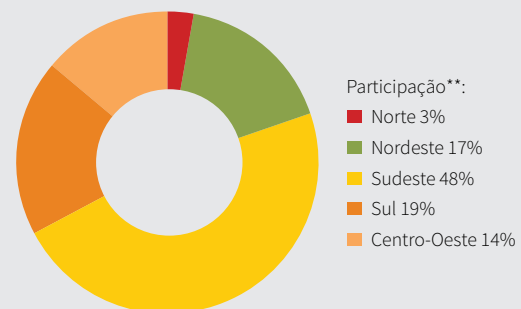


Participação Regional na Produção de Ovos

2018
Produção Total: 120,2 Milhões de Caixas de 30 Dúzias



2029
Produção Total: 176,0 Milhões de Caixas de 30 Dúzias



Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CARNE DE FRANGO

em 2029*



17,3 MILHÕES
de toneladas produzidas

📈 crescimento de 29% em relação a 2018



6,1 MILHÕES
de toneladas
líquidas exportadas

📈 crescimento de 48% em relação a 2018

consumo per capita
(kg/hab/ano)

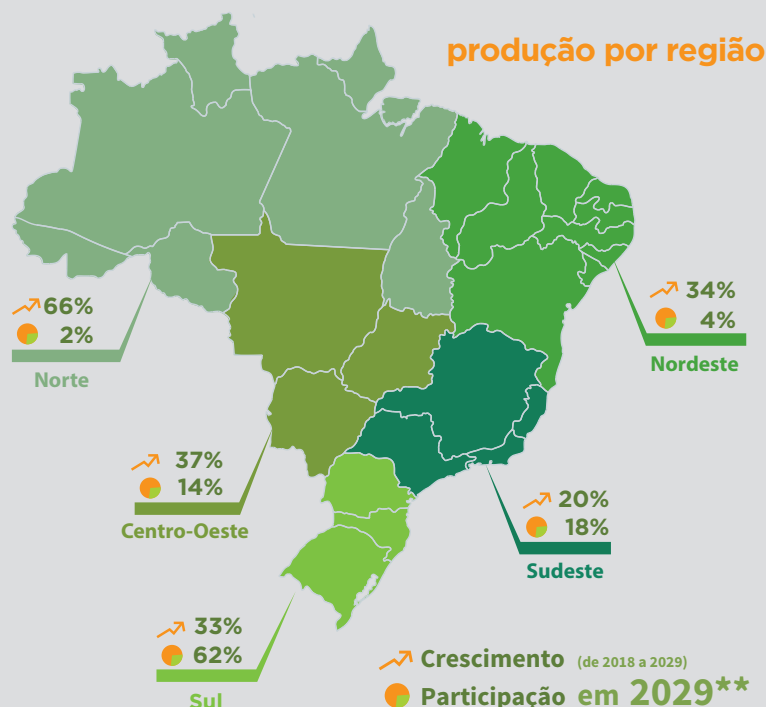
45,9 2018 **52,2** 2029

📈 crescimento de 14%

demanda doméstica

9,7 milhões de t 2018 **11,7** milhões de t 2029

📈 crescimento de 21%



OVOS

em 2029*



120,2 mi de caixas de 30 dúzias produzidas 2018 **176,0 mi** de caixas de 30 dúzias produzidas 2029

📈 crescimento de 46%

consumo per capita
(dúzias/hab/ano)

17,1 2018 **23,5** 2029

📈 crescimento de 38%

Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



CARNE SUÍNA

A Peste Suína Africana (PSA) alastrou-se por todo o território chinês e países vizinhos desde o segundo semestre de 2018 e, mais intensivamente, em 2019. As estimativas dão conta de que o rebanho suíno do país tenha caído pela metade.

A situação da Peste Suína Africana na China, por ora, permanece longe de uma solução. Segundo o USDA, em 2019, a queda na produção de carne suína do país alcançou 14%, causando um déficit de 7,5 milhões de toneladas da proteína. O ritmo de dispersão do vírus da PSA pelo país vem diminuindo, porém, até o momento, não há vacina comercial desenvolvida, indicando um futuro ainda bastante incerto para a suinocultura chinesa.

O USDA estima para 2020 uma produção de 36 milhões de toneladas, volume 23% menor que o registrado em 2019 (47 milhões de toneladas) e 33% abaixo da produção de 2018, de 54 milhões de toneladas. Para ilustrar o tamanho do prejuízo, a diferença na produção do país asiático entre 2018 e 2020 está projetada em 18 milhões de toneladas, equivalente a duas vezes a exportação global desse produto em 2019. O volume também representa quase a totalidade da oferta do segundo maior produtor de carne suína do mundo, a União Europeia, que foi de 24 milhões de toneladas em 2019.

As tentativas de alojamentos para leitões têm sofrido novas infecções e dificultado a retomada das criações. É fato que o rebanho de suínos da China vem apresentando pequenos avanços nos últimos meses, no entanto, o retorno a patamares registrados antes do surgimento da doença parece distante, dado que o ciclo produtivo é relativamente longo.

Para conter, ou pelo menos tentar diminuir, a ocorrência de problemas sanitários nas criações de animais, o caminho é elevar a tecnologia e o controle sanitário da produção para padrões ocidentais. Os chineses já estão investindo para que a maior parte de sua suinocultura seja praticada com padrões de alta tecnologia.

Este cenário de escassez elevou significativamente os preços das carnes no país asiático, a partir do segundo semestre de 2019: a carne suína, por exemplo, ficou 80% mais cara em relação ao mesmo período do ano anterior.

Neste ambiente, a China fortaleceu as importações de carnes de diversos países produtores, com o intuito de compensar parte da grande retração da produção suinícola. Ainda assim, o volume total da exportação mundial de carne suína é relativamente inferior à redução da oferta da China, o que fará com que as compras chinesas continuem elevadas, dando sustentação ao crescimento da demanda externa.

No Brasil, as exportações para a China se fortaleceram, o que deu suporte a um aumento nos preços da carne no mercado interno, com a consequente recuperação de margens dos produtores, apesar dos custos de produção, que se mantêm elevados desde 2018.

Com isso houve uma mudança na dinâmica do mercado brasileiro de suínos em 2019, após o setor ter trabalhado durante todo o ano de 2018 com margens negativas, em razão da alta dos custos da ração e da queda nas exportações derivada do embargo russo, que foi resolvido no fim daquele ano.

O cenário macroeconômico mais favorável previsto para 2020 deve beneficiar, ou no mínimo sustentar, os atuais níveis de consumo no mercado doméstico. Além disso, os preços mais altos para a carne bovina também tendem a favorecer o desempenho da carne suína, por efeito da substituição.

Para o ambiente externo, o bom relacionamento comercial estabelecido com as nações asiáticas deve favorecer as exportações de carne suína do Brasil. Além disso, são esperadas novas habilitações de frigoríficos por parte da China. Porém, o ponto de atenção aqui é a recente Fase I do acordo comercial fechado entre os EUA e a China.

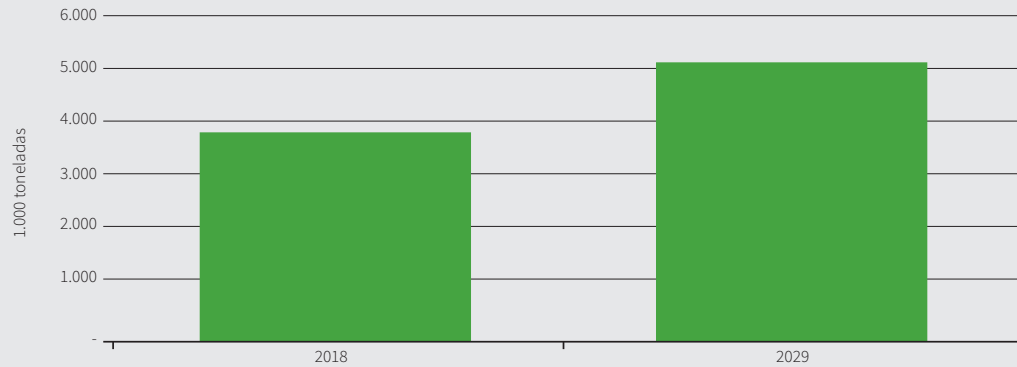
Os EUA são extremamente competitivos na produção de carne suína, sendo também um dos grandes exportadores mundiais. Os preços no país encontram-se deprimidos por causa da elevada disponibilidade interna, o que torna o produto norte-americano ainda mais competitivo.

Contudo, apesar da maior competição com a carne suína americana, o déficit chinês é tão grande que o impacto negativo sobre as exportações brasileiras deve ser minimizado.

Varição entre 2018 e 2029*

Produção Brasileira de Carne Suína

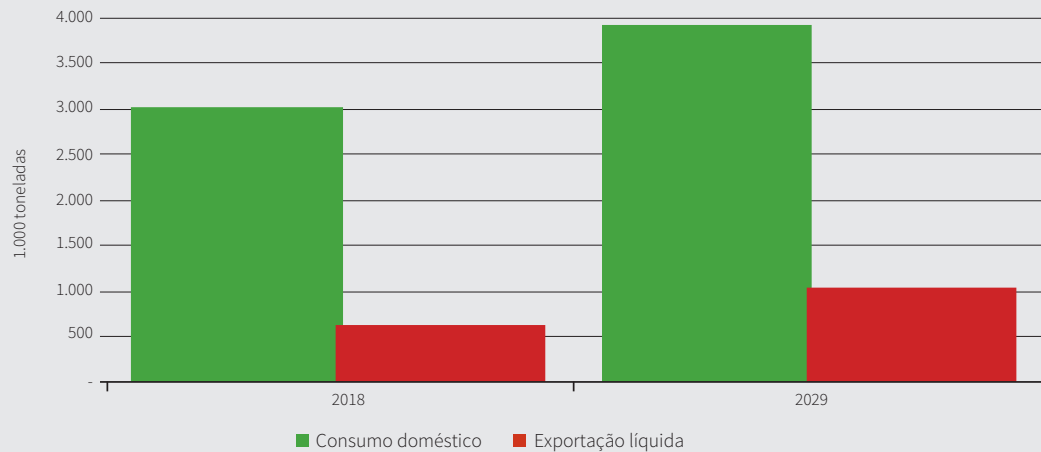
Produção
35% ↗



Consumo Doméstico e Exportação Líquida de Carne Suína

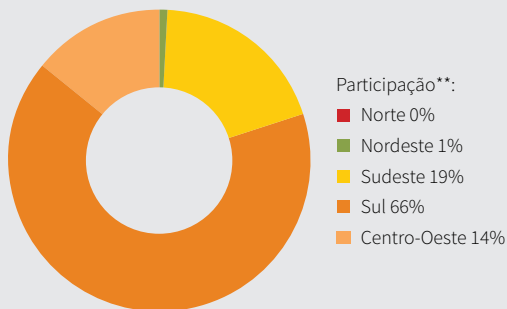
Consumo doméstico
27% ↗

Exportação líquida
68% ↗

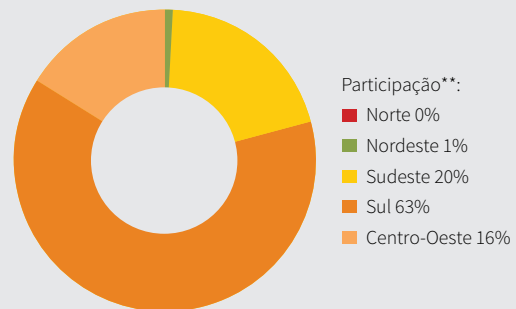


Participação Regional na Produção de Carne Suína

2018
Produção Total: 3,8 Milhões de Toneladas



2029
Produção Total: 5,1 Milhões de Toneladas



Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029- Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte : Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

CARNE SUÍNA

em 2029*



5,1 MILHÕES
de toneladas produzidas

↗ crescimento de 35% em relação a 2018



1,1 MILHÃO
toneladas líquidas
exportadas

↗ crescimento de 68% em relação a 2018

demanda doméstica

3,0
milhões de t
2018



3,9
milhões de t
2029

↗ crescimento de 27%

consumo per capita (kg/hab/ano)

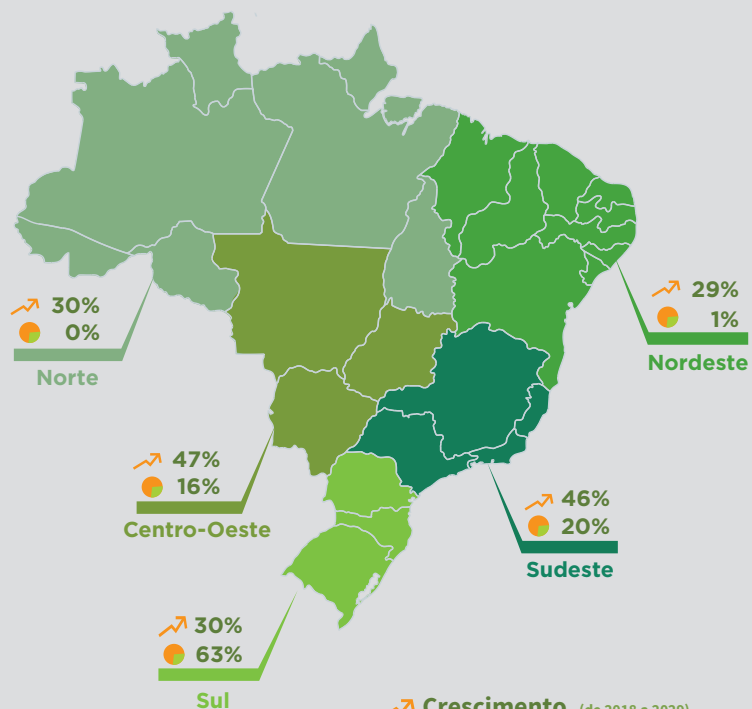
14,4
2018



17,2
2029

↗ crescimento de 19%

produção por região



↗ Crescimento (de 2018 a 2029)
● Participação em 2029**

Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



LÁCTEOS

A balança comercial brasileira de lácteos finalizou 2019 com déficit de 398 milhões de dólares. As importações somaram 455 milhões de dólares, enquanto as exportações foram de 57 milhões de dólares. O leite em pó representou 74% e os queijos 24% das importações. Já nas exportações, o principal produto foi o leite condensado (43%), seguido pelo creme de leite (29%) e pelos queijos (15%).

No caso do leite em pó, o preço médio de importação foi de US\$ 2.783 por tonelada, enquanto o preço do equivalente nacional, isto é, o valor pago ao produtor de leite brasileiro adicionado o fator de conversão do produto em pó e o custo de processamento, ficou em torno de US\$ 3.757 por tonelada, uma diferença de 35% a favor do produto importado.

Quanto as exportações, pode ser que o Brasil tenha a possibilidade de experimentar um aumento dos embarques de leite em pó e queijos para a China em 2020, já que 24 laticínios foram habilitados para exportação ainda em 2019, o que pode favorecer a sustentação dos preços internamente. Para se ter uma ideia do tamanho desse mercado, em 2018 os chineses importaram 108 mil toneladas de queijo, com um crescimento médio anual de 13% nos últimos cinco anos.

O país asiático costuma importar 800 mil toneladas por ano de leite em pó, equivalente a 134% de toda a produção brasileira. No entanto, para que o Brasil se insira de vez no mercado internacional de lácteos como exportador, é fundamental melhorar a percepção sobre a qualidade da matéria-prima e sobre o custo do leite *in natura*.

Pode corroborar para um aumento da participação brasileira no comércio mundial de lácteos uma provável escassez na oferta australiana de lácteos para o mercado externo, embora o grande fornecedor para a China seja a Nova Zelândia. Os incêndios florestais ocorridos no fim de 2019 na costa leste da Austrália atingiram uma área de mais de 6 milhões de hectares e causaram problemas para a indústria de laticínios do país. As regiões afetadas pelos incêndios florestais representam perto de um terço da produção de leite australiana, segundo dados da *Dairy Australia*. O país é o sétimo maior exportador de lácteos do mundo, fornecendo principalmente aos mercados asiáticos. Estima-se que milhares de animais tenham morrido, principalmente os mais jovens, o que pode atrasar a reconstituição do rebanho nas áreas atingidas pelos incêndios.

No mercado interno, os preços do leite ao produtor terminaram 2019 em um patamar remunerador em relação aos últimos anos, devido a uma oferta mais reduzida. No início de 2020 havia o sentimento de que a demanda pelo produto melhoraria com a retomada do crescimento econômico, até então estimado em patamares pouco superiores a 2%. No entanto, a crise advinda da pandemia do Coronavírus acrescentou incertezas sobre o desempenho da economia e, conseqüentemente, para os fundamentos do setor.

Apesar da falta de clareza dos impactos dessa crise, os custos de produção tendem a seguir elevados em 2020, com destaque principalmente para o milho no primeiro semestre, o que demanda um bom planejamento por parte do produtor. Se a safrinha de milho e a nova safra americana forem elevadas, podemos esperar algum alívio nas cotações, favorecendo o produtor de leite.

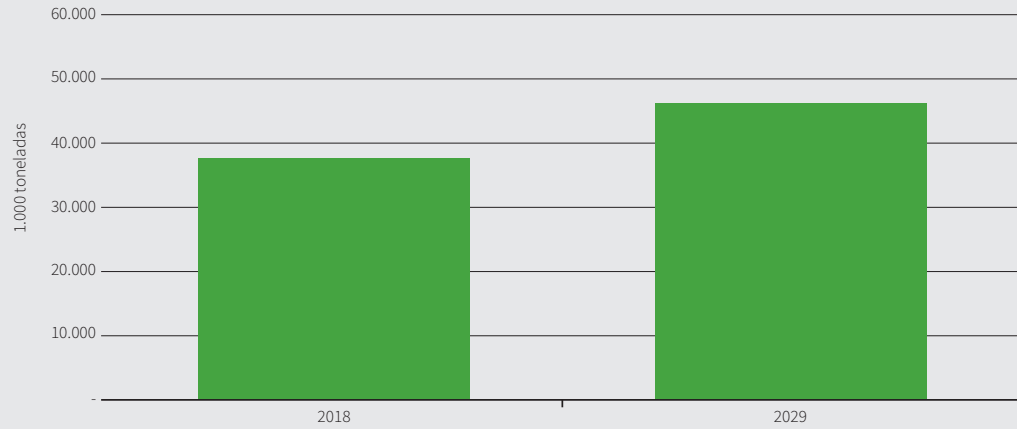
Vale ressaltar que a indústria de lácteos teve um 2019 sofrível em lucratividade, destacando que o setor de leite fluido (UHT) opera há mais de 12 meses no vermelho e que a indústria, de forma geral, teve nesse ano um primeiro trimestre bastante desfavorável. Os preços de venda ao varejo estão abaixo dos praticados há um ano, com o custo da matéria-prima superior a 2019.

No longo prazo, a continuidade do processo de recuperação da economia, após a crise do Coronavírus, será um grande alento para o setor, favorecendo a retomada do consumo de produtos de maior valor agregado, que promovem uma rentabilidade superior para a indústria, beneficiando diretamente o produtor.

Varição entre 2018 e 2029*

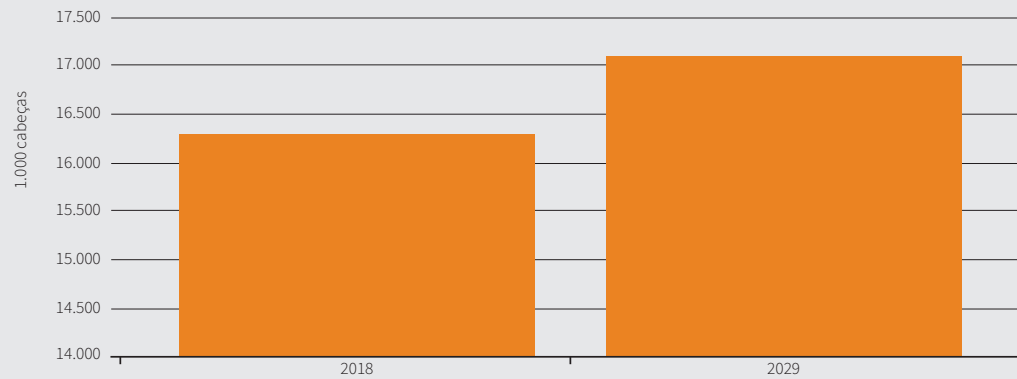
Produção Brasileira de Leite

Produção
39% ↗

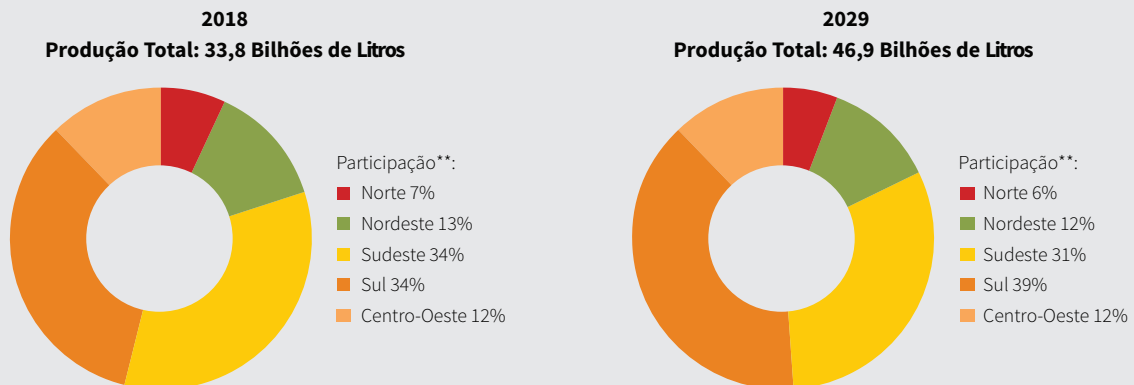


Rebanho de Gado de Leite

Rebanho
5% ↗



Participação Regional na Produção de Leite



Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029- Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, são explicadas pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

LÁCTEOS

em 2029*



46,9 BILHÕES
de litros produzidos de leite

📈 crescimento de 39%
em relação a 2018



17,1 MILHÕES
de cabeças
2029

📈 crescimento de 5% em relação a 2018

consumo *per capita*
(l/hab/ano)

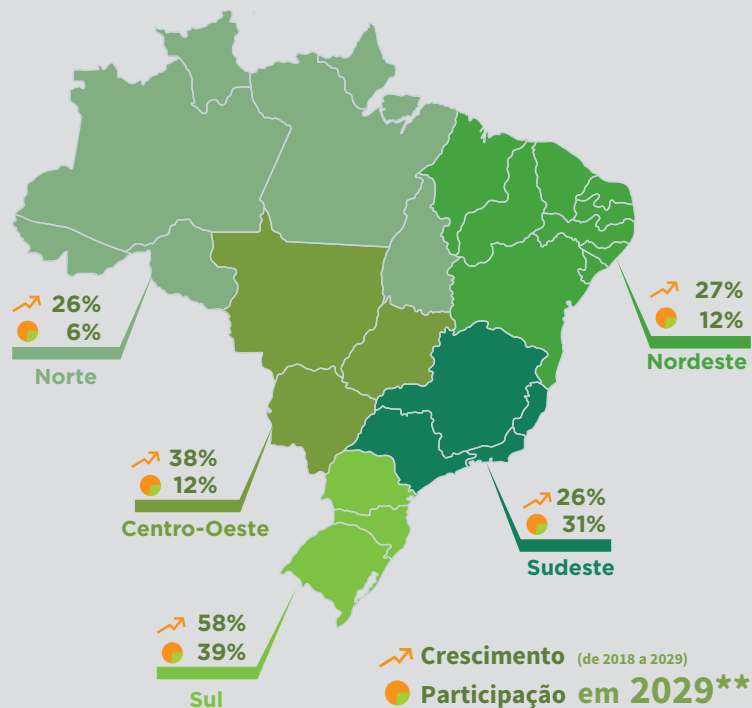
161,6
2018



210,4
2029

📈 crescimento de 30%
em relação a 2018

produção por região



Notas: *Comparativo entre 2018 e 2029 - Projeção de 11 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO



PISCICULTURA

A piscicultura brasileira continua em trajetória de crescimento acentuado e, segundo dados da Peixe BR, a produção total aumentou 4,9% em 2019, atingindo 758 mil toneladas de peixes cultivados.

A tilápia permanece como a espécie de maior volume produzido e sua participação na oferta total nacional subiu de 54%, em 2018, para 57%, em 2019. Sua contribuição foi de cerca de 432 mil toneladas, 7,9% superior ao total registrado no período anterior, colocando o Brasil na quarta posição entre os maiores produtores mundiais da espécie.

Já a produção de peixes nativos ficou estagnada, sendo a queda de 5% em Rondônia compensada pelo crescimento em outros estados da Região Norte, como Amazonas e Pará. A oferta de espécies nativas tem encontrado desafios para se expandir, seja por problemas relacionados ao licenciamento ambiental e de estrutura produtiva, seja pela competição com o produto pescado, além de dificuldades quanto a aspectos culturais no desenvolvimento do mercado consumidor, que é muito concentrado na Região Norte do País.

As exportações de produtos da piscicultura cresceram 26% em 2019, atingindo 6,5 mil toneladas. Além do destaque no mercado interno, a tilápia também é a principal espécie exportada pelo País, com 5,3 mil toneladas em volume e US\$ 9,8 milhões de faturamento. O principal destino para os filés de tilápia brasileiros são os EUA, enquanto Japão e China, segundo e terceiro mercados, importam principalmente subprodutos não comestíveis, como farinhas de peixe, escamas e outros itens de menor valor agregado.

Apesar do bom desempenho das exportações, a balança comercial de pescados é bastante deficitária. O Brasil importou 322 mil toneladas de produtos, no valor de 1,2 bilhão de dólares em 2019. O principal item importado é o salmão, que não é produzido no País e responde por 48% do valor das compras externas, seguido pelo bacalhau e pela merluza. Vale ressaltar que na pauta apenas o salmão e o pangasius são espécies cultivadas e grande parte provém da pesca extrativista.

O mercado mundial de peixes deve continuar em expansão. As projeções da OCDE-FAO indicam que a produção mundial de pescados deve crescer 14% até 2028, em relação ao valor médio de 2016 a 2018, atingindo 196,3 milhões de toneladas. Estima-se que, praticamente, todo o crescimento desse período será de peixes cultivados, que devem aumentar 28%, uma vez

que existem evidências de que muitas espécies selvagens estão sendo afetadas pela sobrepesca e dificilmente conseguirão manter o nível de produção atual.

Neste cenário, a China, com um volume total de 62,3 milhões de toneladas, é de longe o maior produtor mundial e deve crescer 14% em dez anos. Nesse país, a produção proveniente do cultivo deve aumentar 24% e, apesar de elevado, é um ritmo bem inferior aos 54% registrados na década anterior.

A queda esperada nas taxas de crescimento da piscicultura, tanto na China quanto no mundo, deve-se aos desafios quanto à regulação ambiental e à menor disponibilidade de bons locais para o cultivo de peixes. De fato, os entraves para o incremento da oferta na China podem ser maiores que o esperado, no entanto, o recente problema da carne suína no país pode estimular o aumento da produção no médio prazo além do previsto inicialmente.

Segundo a OCDE-FAO, apesar de a criação de carpa e moluscos seguir com maiores cultivos, a expansão prevista no futuro deve concentrar-se em poucas espécies. A tilápia deve ter o maior crescimento, seguida pelo bagre (*catfish*) e o pangásio (*Pangasius hypophthalmus*). Essa última espécie também está sendo cultivada no Brasil e sua participação deve continuar em ascensão.

Assim como as diversas fontes de proteína animal, no curto prazo, o pescado pode ser beneficiado pelo déficit global de carnes causado pela Gripe Suína Africana, seja no mercado interno, pela menor oferta de outras carnes, seja com a possibilidade de exportação para outros países. No longo prazo, o clima favorável e a ampla disponibilidade de água e grãos indicam que o país tem grande potencial de crescimento na produção de pescados.

Nesse sentido, além de resolver os gargalos internos da cadeia produtiva, o incentivo ao aumento do consumo de peixes pela população e a abertura de mercados para o produto brasileiro são fundamentais para que a atividade se desenvolva. Hoje conseguimos exportar para os EUA, um dos mercados mais exigentes do mundo, o que atesta a qualidade do nosso produto e mostra o potencial existente no setor.



FERTILIZANTES

Algumas questões institucionais, como a possibilidade de recuperação judicial de produtores rurais, vêm afetando o movimento natural da comercialização dos fertilizantes desde 2019. No entanto, as vendas desses produtos divulgadas pela Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA) até outubro de 2019 mostraram crescimento de 1,4%, 417 mil toneladas acima do mesmo período de 2018.

Além disso, o ano de 2019 foi marcado pela queda dos preços dos fertilizantes no mercado internacional, principalmente dos fosfatados, que sofreram com o excesso de oferta, devido à entrada de produção de diversos projetos e dos problemas de plantio americanos. Essa queda não foi totalmente internalizada no mercado doméstico em razão da forte desvalorização cambial, mas ainda assim trouxe redução dos custos de produção em um cenário de bons preços internacionais das *commodities* agrícolas, o que aqueceu a demanda.

Com isso houve forte antecipação das compras para a segunda safra de milho 2019/2020, e estima-se que as vendas de 2019 tenham alcançado um volume ao redor de 36,4 milhões de toneladas, 2,3% acima do ano anterior.

Desde o início de 2020, os preços dos fertilizantes no mercado internacional inverteram o movimento de queda que perdurou por todo ano de 2019. A expectativa é de retomada mais forte das vendas nos Estados Unidos, após três anos de baixas aplicações por conta de problemas climáticos no país. O início de um acordo comercial entre os EUA e a China também é fato positivo para a comercialização. Além disso, o ajuste da oferta através da suspensão da operação de algumas fábricas de fertilizantes ao redor do mundo deve sustentar as cotações.

Mesmo com a elevação dos preços, as boas perspectivas para a demanda de soja e milho, em razão do aumento do consumo de carnes, diante da redução do rebanho chinês com a Peste Suína Africana e do crescimento da produção de biocombustíveis, devem promover a expansão das áreas de soja e milho no Brasil nos próximos anos, dando suporte à demanda do mercado de fertilizantes, que tem nesses produtos seus principais mercados. Essas duas culturas representaram, aproximadamente, 60% do consumo total de fertilizantes no período de 2016 a 2018.

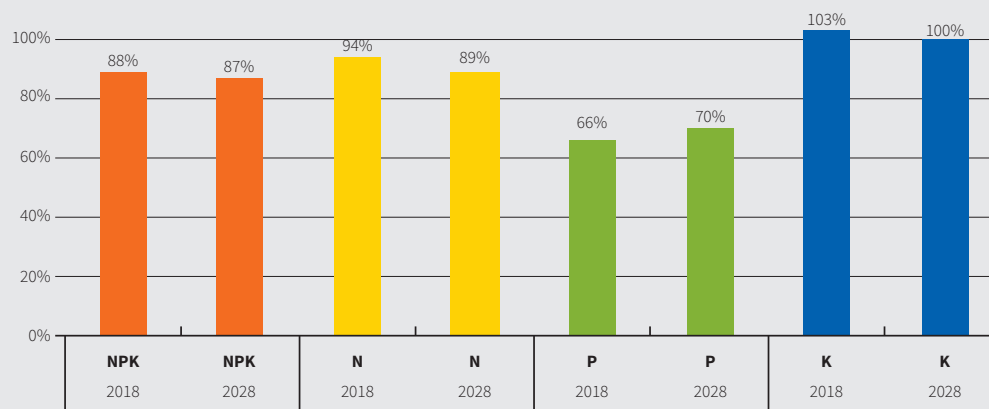
Do lado da oferta, a produção doméstica de adubos tem se mantido em estagnação ou mesmo em queda, como no caso do potássio, e alguns dos investimentos previstos em anos anteriores não devem se concretizar. Vale ainda ressaltar o fato de a

Petrobras ter desativado as plantas de ureia de Laranjeiras (SE) e Camaçari (BA) há mais de um ano, e, por último, em 2019, a fábrica de Araucária (PR).

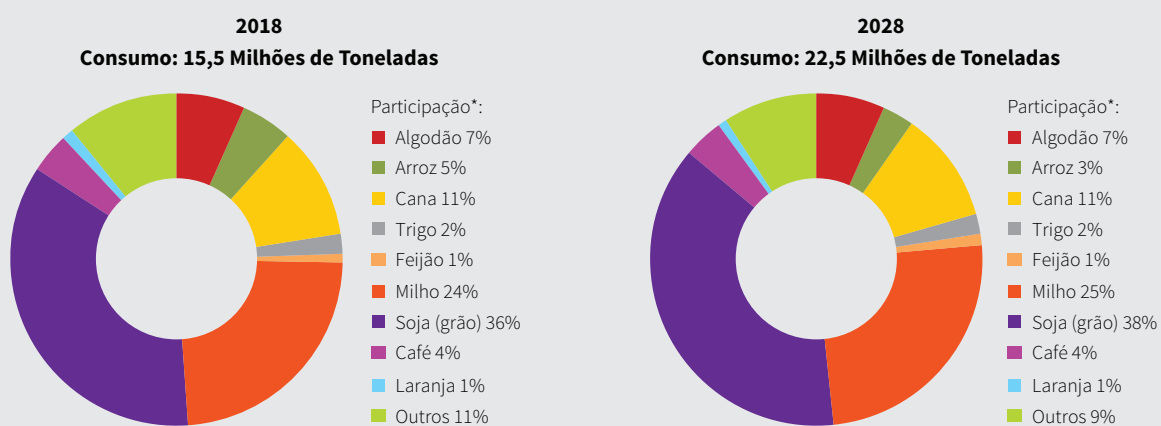
Dependendo do desfecho, algumas questões institucionais, como a renovação ou não do Convênio ICMS nº 100/1997 – que reduz a base de cálculo do ICMS nas saídas interestaduais dos insumos agropecuários – e do tabelamento dos fretes, poderão impactar de forma significativa o setor de insumos, reduzindo os investimentos e prejudicando ainda mais a competitividade do setor.

Com a oferta interna estagnada e com viés de queda, a dependência doméstica pelos produtos importados deve se manter elevada para os próximos anos.

Necessidade Estimada de Importação sobre a Demanda Brasileira de Fertilizantes



Participação no Consumo Doméstico de Fertilizantes (NPK) por Cultura



Nota: * A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp | Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

FERTILIZANTES

em 2028*



produção nacional
(em milhões de toneladas)

NPK
3,5 mi

↗ crescimento de 27% em relação a 2018

N
0,8 mi

↗ crescimento de 43% em relação a 2018

P
2,5mi

↗ crescimento de 26% em relação a 2018

K
0,2 mi

↘ queda de 4% em relação a 2018



demanda doméstica
(em milhões de toneladas)

NPK

22,5 mi

↗ crescimento de 45% em relação a 2018

N

5,9 mi

↗ crescimento de 38% em relação a 2018

P

7,8 mi

↗ crescimento de 51% em relação a 2018

K

8,8 mi

↗ crescimento de 45% em relação a 2018

demanda doméstica de NPK em 2028 principais culturas
(em milhões de toneladas)

Soja



8,5 mi
↗ crescimento de 54% em relação a 2018

Milho



5,6 mi
↗ crescimento de 53% em relação a 2018

Cana



2,4 mi
↗ crescimento de 43% em relação a 2018

Algodão



1,7 mi
↗ crescimento de 51% em relação a 2018

Arroz



0,7 mi
↘ queda de -2% em relação a 2018



dependência externa
(participação de nutrientes importados)

NPK

88%
2018

87%
2028

N

94%
2018

89%
2028

P

66%
2018

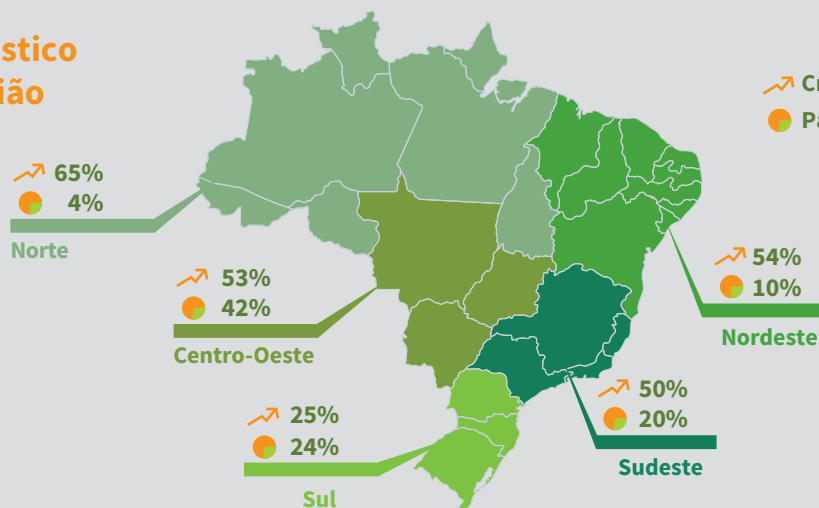
70%
2028

K

103%
2018

100%
2028

consumo doméstico de NPK por região



Notas: *Comparativo entre as safras 2018 e 2028 - Projeção de 10 anos. ** A soma das participações, quando maiores/menores que 100%, é explicada pelo sistema de arredondamento.

Fonte: Outlook Fiesp Elaboração: FIESP/DEAGRO e MBAGRO

fiesp.com.br/outlook

fiesp.com.br/outlook